

# O CORREIO

DIRECTOR

Jorge Santos

SEMENARIO MONARCHICO

EDITOR

Alberto Ferreira d'Agular

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Passos Manoel, 177-1.º-Porto

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor—Officinas movidas a electricidade—Rua da Caneella Velha, 70-1.º—PORTO.

Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas—6, Rua Duban

Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario — MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO, = N.º 23 = AVULSO 20 REIS

Sabbado, 10 de Maio de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 53 n.ºs, 1,5000 reis — Serie de 26 n.ºs, 500 reis. Estrangeiro: (Países da União postal)—serie de 52 n.ºs, 15 francos (ou 3,5000 reis). Serie de 26 n.ºs, 8 francos (ou 1,5000 reis). Brazil: serie de 52 n.ºs, 6,5000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.

ANNUNCIOS—Na secção de annuncios 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

## Quem é a futura Rainha de Portugal

### ENTREVISTA

Com a Senhora Marqueza de Rio-Maior

O bom «jeune homme»

Em 1790, plena revolução franceza, ao apresentar-se na aula de rhetorica do collegio *Cardinal-Lemoine*, em Paris, o substituto do padre *Levasseur*, que se recusára a fazer o juramento obrigatorio da constituição civil do clero, — um estudante levantou-se para declarar que não recebia as lições de um sacerdote que desobedecera á Igreja.

Dito isto, saiu da aula.

Paris vivia os dias vermelhos de 90 a 93. O barrete phrygio, enterrando-se cada vez mais na cabeça da Revolução, vendava de sangue os olhos da França.

Com a mesma cavalheiresca intransigencia que recusára as lições do padre *assermenté*, o estudante, para não prestar juramento á Revolução, recusou o posto d'ajudante de campo de Casabianca. Essa creança seguiu os reis, oppondo o seu magoado respeito ás malquerenças e insultos que acompanharam a familia real durante o seu disfarçado encarceramento nas *Tulherias*, a antecâmara do *Temple*.

N'aquella tumultuosa noite em que á chegada da Rainha á *Opera*, alguns manifestantes só se descobriram depois dos protestos unanimes dos realistas, foi ainda esse estudante quem arrancou o chapéo a Ducos, depois membro da Convenção, que affirmava não haver quem podesse obrigar-o a descobrir-se, perante a mulher do primeiro funcionario publico.

A mocidade é exaltadamente partidaria. A pureza do coração contribue para a exaltação da cabeça. Esse rapaz não podia deixar de tornar-se um *realista fogoso* que se filiou em todas as associações politicas onde diariamente se sonhavam contra-revoluções. O marquez de Champenetz, governador das *Tulherias*, dá-lhe um cartáo de livre entrada no palacio, e o desinteressado rapaz torna-se a boa sombra da familia real; a Rainha inspira-lhe uma dedicação quasi romanesca.

No dia em que Luiz XVI quiz partir para S. Cloud, 18 d'abril de 1791, encontrava-se o fogoso realista no claustro do palacio das *Tulherias*. A multidão cortava o caminho á carruagem real. Os realistas eram numerosos e queriam lutar. O proprio La Fayette mostrava-se decidido a secundar a partida da familia real. Mas o Rei oppoz-se, horrorizado á ideia de fazer derramar sangue francez. A resistencia popular crescia. A multidão cercava as grades do palacio, rodeava a carruagem, ululava ameaças á familia real.

Durante cerca de duas horas, o principe foi crivado d'ultrages. A Rainha, cuja serena coragem se não desmentia um só instante, pediu um copo d'agua para o Delfim. Alguns populares oppuzeram-se, furiosos, á passagem do offi-

cial que levava esse copo d'agua. Então, o «fugoso realista», que estava perto da carruagem, não pôde conter a sua

lescente, cuja attitudo e physionomia expressiva respiravam uma sympathia pela familia real tornada rara. Um dia, em que o ex-estudante de rhetorica do collegio *Cardinal-Lemoine* se aproximára mais da Rainha, no momento em que ella sahia do Jardim das Plantas, pôde ouvir Maria Antonieta dizer para Maria Izabel, indicando-o com um olhar enternecido:

— «Voilà un bon jeune homme!»

Estas palavras de reconhecimento, cahidas dos labios tristes da Rainha Martyr, gravaram-se-lhe a fogo no co-

nin, secretario do Rei, lhe communicava que o Rei e a Rainha correm graves perigos; o *bon jeune homme* escreve á mãe: «... vou contribuir para salvar o throno ou morrer defendendo-o».

Corre a Paris, e no dia seguinte, mal vestido para se poder misturar com o povo, vae ás *Tulherias*.

Tinha dezaseis annos.

Já a Convenção succedera á Assembleia Nacional, e chamára Luiz XVI a ser julgado.

O *bon jeune homme* assistiu d'uma tribuna, ao primeiro acto da tragedia, entre sinistras figuras que o cataclysmo revolucionario vomitou sobre as pedras de Paris; ouviu Santerre annunciar que *Luiz Capêto esperava as ordens da Convenção*, viu o Rei de França entrar, sentar-se sem proferir uma palavra, responder com calma e precisão, n'uma voz firme e forte, e sahio d'ali mais entusiasta realista do que entrára.

Os cortejos da desgraça são mais raros, mas são mais constantes.

Fôra, ouviu alguém dizer que Luiz XVI se mostrára muito sereno, mas que *elles saberiam fazer-lhe baixar a cabeça*. Voltou-se, e reconheceu Marat. Teve impetos de se lançar ao convencional, mas dominou-se. O bom adolescente não podia sentir o alto papel que ia representar na historia da França, da Europa e mesmo da America; mas sabia bem o quanto a sua dedicação queria tentar fazer para salvar a vida do seu Rei.

A opinião publica era favoravel á familia real, havendo mesmo manifestações de sympathia. A Convenção hesitava em lavrar a sentença que os *sans culottes* lhe dictavam; as sessões prolongavam-se; alguns deputados estavam indecisos; o *bon jeune homme* encarregou-se de lhes fallar.

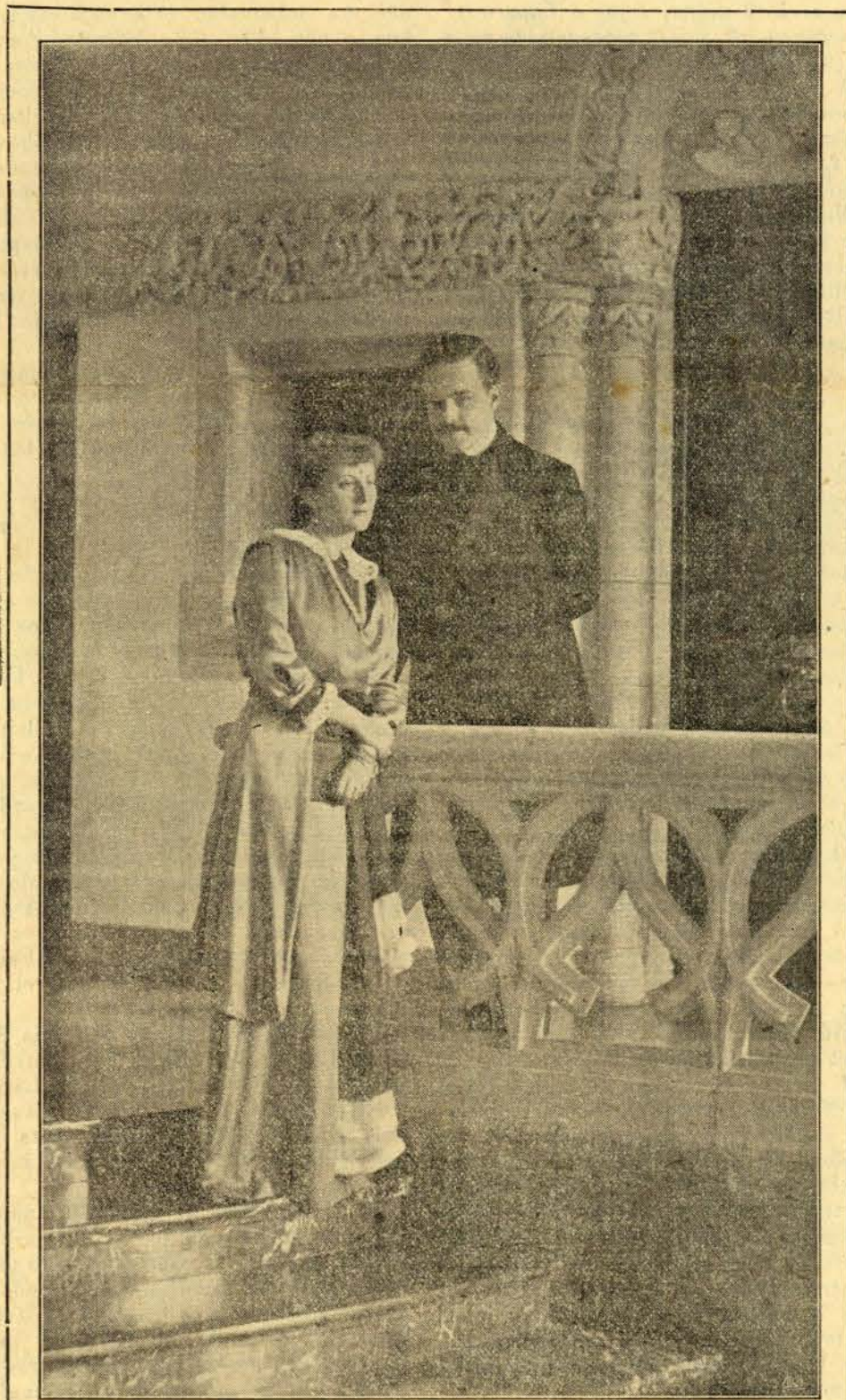
Havia uns luars de esperança que a manhã de 19 de janeiro varreu de todo.

Dois dias depois, o *Terror* estava iniciado em França, e só restavam uma mulher e uma creança aos homens de coração e de lealdade para se dedicarem.

A execução de Luiz XVI fôra o termo da Realeza, mas não o da Revolução. Essa continuava a reclamar victimas, martyres, sangue, como um bebado pôde reclamar mais vinho quanto mais se lhe seccam as guélas. Não faltavam desgraçados a arrancar á guilhotina. O *bon jeune homme* arrancou, das garras de Fouché, Pierre Mangue, accusado de se referir irrespeitosamente a Robespierre e a Montagne, e, depois d'essa defeza audaciosa e brilhante que obrigou o tribunal a reconsiderar, ainda liberta quatro padres, presos nas cadeias de Nevers.

Notado, as perseguições, que evitára aos outros, cahem sobre elle. E, preso em Cosne, perto do seu *château de Lestang*, quando lhe dão uma liberdade provisoria, encontra a turba-multa demagogica reclamando o julgamento de Maria Antonieta.

Entretanto, o espectáculo d'esse angustiado coração de mulher, a quem tinham arrancado o marido para o guilhotinar, e cuja força lhe era agora dada pela figura transida do Delfim, despertára nos proprios republicanos, encarregados de guardar a Rainha, dedicações e commovidas sympathias. Entre esses dedicados, contava-se o inspector das



Sua Magestade El-Rei D. Manuel e Sua Alteza a Princeza Victoria de Hohenzollern, Sua Noiva

indignação, e adeantou-se, a abrir caminho ao official. Cinco ou seis populares cahiram sobre elle. E foi preciso outro official defendel-o, d'espada em punho.

A Rainha notára o gesto d'esse ado-

ração, d'onde nunca mais, nem a miseria, nem o carcere, nem dezaseis annos d'exilios e proscricções, nem o *Terror*, nem o Imperio, nem o tempo, as apagaram.

Quando, depois, no 9 d'agosto, Hen-



prisões, Michonis, em quem a Republica teve um partidario zeloso e sectario até á primeira vez que elle aborreu os augustos prisioneiros. Ao presenciá-lo, porém, a desgraça da familia real e a nobreza com que a supportavam, sentiu-se tomado de um ardente desejo de reparar as injustiças da sorte.

— *Sou republicano, mas dava, como o senhor, a minha vida por elles!*— declarou Michonis ao *bon jeune homme*.

E, depois de fracassado o plano de Mr. Toulau, Michonis, antes de dar a sua cabeça á guilhotina do Terror, preparou outro plano para libertar Maria Antonieta, plano tambem descoberto e que teve, por involuntaria consequencia, a separação da Rainha e do Delfim, e a transferencia da viuva de Luiz XVI da prisão do *Temple* para a *Conciergerie*.

O *bon jeune homme* foi de todos os *complots* que tentaram arrancar Maria Antonieta aos ferros da *Conciergerie* e ao cesto de Samsom, o executor das altas obras, do *complot* de Jobert, como do do cravo vermelho do cavalleiro de Rongeville.

E' provavel que Maria Antonieta morresse sem saber o nome do *bon jeune homme*; mas a policia da Revolução sabia muito bem que o adolescente que se parecia, fascinado, a esteira da desgraça da Rainha martyr se chamava Hyde de Neuville que, dos seus maiores, desterrados da Inglaterra com os Stuarts, herdára o sangue lealmente realista.

Nascido de sangue inglez, segundo o retrato á penna feito por Lamartine, elle trouxe para França esse fanatismo do parlamento dos Stuarts que personifica n'uma raça leal a honra, a religião e a Patria, e á qual o expatriamento e o cadafalso apparecem como deveres do seu culto. Hyde de Neuville dedicou, aos Bourbons, a mocidade, a fortuna, a sua cabeça. Conspirador infatigavel, sob a Republica e sob o Imperio, emissario corajoso do Rei e dos Principes em Paris, vivendo a metade da vida sob nomes falsos, furtando-se á policia do Directorio e de Bonaparte graças a outra policia mais occulta de que elle urdira os fios, até á capital, em serviço dos Bourbons; ligado aos Polignacs, aos Bourmont, aos Rivière, aos Moreau, aos Pichegru, aos Georges, aos Clichens, aos vendeanos, — só uma vez se defendeu: quando a policia de Fouché, para lisongear Bonaparte, o accusou de cumplicidade no 3 *novose* (24 dezembro 1800) cuja machina infernal dirigida contra o Primeiro Consul esteve muito perto d'assassinar o vencedor do Egipto.

Hyde de Neuville gritou então: *Sou capaz de me bater na guerra pela fé da causa, mas incapaz de colaborar n'um crime!*

Mas a policia procura-o, persegue-o, e Mr. e Madame de Neuville vão para La Rochelle, onde Hyde de Neuville, sob o nome de dr. Roland, vaccina o povo, e salva tantas vidas que o ministro do Interior lhe agradece os seus humanitarios serviços, n'uma carta historica, sem saber que o famoso dr. Roland é o realista que Fouché fareja por toda a França, desde a Venda a Paris.

Para defender seu marido, Madame Hyde de Neuville vae ter com Napoleão a Austerlitz.

Rovigo instiga Bonaparte, o Primeiro Consul quer saber proscripto o realista, e Madame Hyde de Neuville resolve ir fallar a Napoleão. Acompanhada do marido até á fronteira suissa-allema, a Senhora Hyde de Neuville parte depois, só com uma dama amiga, atraz da *Grande Armée* victoriosa.

A estrella de Napoleão cada dia nascia em seu campo de batalha. Madame Hyde de Neuville percorre o rastro astral: é Augsburgo, é Munich, Lintz. A esposa do proscripto realista viaja ora em carriganas que se esmigalham nos fossos, ora em barcos de munições

pelo Danubio acima. Depois é Molke, por fim Vienna; e Napoleão avançando sempre, vencendo sempre, combatendo sempre sem dar sequer por esse coração de mulher que a sua esteira victoriosa vae arrastando, dilacerando-o.

Emfim, ouve-se o clamor da victoria de Austerlitz.

Napoleão está á frente da *Grande Armée*. E só um mez depois, o principe Murat e o marechal Berthier podem communicar a Bonaparte a missão de Madame Hyde de Neuville: dizer ao Imperador que o Senhor Hyde de Neuville aceita o exilio perpetuo nos Estados-Unidos, como realista, mas que em vez de ir embarcar a Italia, deseja embarcar em Hespanha, atravessando toda a França, com passaportes, para que se não supponha que elle vae fugido á perseguição do attentado do 3 *novose*. Os passaportes e a auctorisação do governo para atravessar a França, destruiriam a calumnia.

O Imperador respondeu:

— *Isso é bello! Isso é francez!*

E, sabendo os sacrificios da Senhora Hyde de Neuville, percorrendo todo o caminho victorioso das aguias napoleonicas, para pleitear junto do Imperador, o protesto contra a accusação d'um crime, Napoleão encarregou o marechal Berthier de lhe dizer que *ella era uma mulher digna, e que o Imperador lamentava não poder conceder-lhe mais do que ella pedia: o exilio.*

A restauração termina esses longos annos de proscricção e faz do proscripto o Barão Hyde de Neuville, embaixador de Luiz XVIII em Washington primeiro, depois no Rio de Janeiro.

Mas a insurreição do Rio de Janeiro, que provoca o retorno de D. João VI a Lisboa, transfere-o embaixador para Portugal, e elle que não chegára a ir ao Rio entregar as credenciaes, vae entregal-as a Lisboa.

O 30 d'abril nomeia o Barão Hyde de Neuville conde da Bemposta.

O Barão Hyde de Neuville chegou a tempo de conhecer os negocios e os honras da corte portugueza, apreciar a lealdade do conde de Suberra, a honradez e o valor politico de D. João VI, as maquinações de Beresford, e prever o 30 d'abril, em cuja manhã o embaixador francez soube convocar na Nunciatura o corpo diplomatico, e correr para junto do Rei de Portugal, ao Palacio da Bemposta, valendo ao throno, e defendendo os Portuguezes da humilhação de cahirem n'uma colonia tuletada, a que um mau filho e mau portuguez — duplamente traidor —, o Infante D. Miguel, estava prompto a reduzir a Patria.

E' o Barão Hyde de Neuville que responde ao cumplice do Infante D. Miguel, que quer tomar o passo ao corpo diplomatico:

— «A Europa que nós representamos não conhece senão o Rei; o infante não passa d'um subdito, não pôde dar ordens no palacio de seu Pae.»

E graças á energia do senhor Hyde de Neuville, o corpo diplomatico, abrindo caminho por entre a soldadesca da sublevação, atravessando tres salões desertos, vae dar com D. João VI na sala do throno, acabrunhado de dôr, acompanhado pelo seu fiel Marquez de Torres Novas e pelo representante Beresford, o «estrangeiro», em proveito de cuja patria o infante D. Miguel tentára o 30 d'abril, a deposição do soberano legitimo, e a transformação d'uma nacionalidade n'um protectorado.

E com uma altivez bem franceza, o senhor Hyde de Neuville pergunta ao estrangeiro Beresford se elle é ministro de Sua Magestade Fidelissima; á negativa, o embaixador francez correu o intruso com estas palavras:

— «Entre El-Rei e o corpo diplomatico não pôde haver outro intermediario senão o ministro dos negocios Estrangeiros.»

E, depois da titubeante e manhosa submissão do Principe Miguel, sempre á

espreita de executar a traição preconcebida, em nome d'um amor filial e d'um zelo sympathico que elle não sente, é ainda o Barão Hyde de Neuville que esclarece os conjurados dizendo em voz alta:

— «Não conheço por ministro dos estrangeiros senão o Marquez de Palmella, e só com elle me correspondo, enquanto o seu successor não puder ser nomeado senão pela influencia das bayonetas.»

Nesse edificio, onde está actualmente a Escola do Exercito, e a cujas portas assomavam (até 5 de outubro de 1910, pelo menos) as armas de Portugal e de Inglaterra, affirmando que o paço da Bemposta fóra o palacio da Rainha D. Catharina, filha de D. João VI, e viuva de Carlos II, de Inglaterra; n'esse edificio e n'esse abominavel 30 d'abril, bem mereceu o sr. Hyde de Neuville do Rei de Portugal o titulo de conde da Bemposta, em memoria do Paço onde a sua acção salvára o throno, a patria portugueza, e um mau filho e mau subdito de consummar um acto de mau patriota.

Quando o Infante, esquecido dos seus protestos de fidelidade á Constituição e á Rainha, se assenhoreou do poder, e encarcerou então o conde de Suberra, que estava apontado para ser assassinado em 30 d'abril, o conde da Bemposta já não era embaixador de França em Lisboa, e não pôde então defender Portugal da cheia de sangue, de horrores, de ruinas, de perseguições e fanatismos que tornaram para sempre o miguelismo uma tradição odiosa e irreconciliavel com o sentimento nacional portuguez.

N'esta emergencia o barão Hyde de Neuville, com a auctoridade que lhe dava o conhecimento dos assumptos portuguezes, escreveu uma brochura em que demonstrou, com documentos irrefragaveis, os direitos da filha de D. Pedro.

Mas Hyde de Neuville tinha um sobrinho, o conde de Saint-Leger de Larne, que acompanhou D. Pedro á Terceira e pelo liberalismo se bateu nas trincheiras do Porto.

O conde de S. Leger era filho do realista francez Larne e de Maria Suzanne, irmã de Hyde de Neuville.

Larne conspirou ao lado de Hyde de Neuville, esteve na Cayena e nos exilios da America. Homiziado annos seguidos, escondido na propria casa, só se avistava com Madame Larne. O filho não o conhecia. Um dia, tinha a creança seis annos, o pequenito deitou fogo á casa; a creança gritou, e vin um homem empurrar um armario que escondia uma porta, sahir, pegar-lhe nos braços, saltar uma janella, e salvar-a das chaminas. Era o pae que pela primeira vez se chegava ao pé do filho. Larne foi o restaurador dos Archivos Nacionaes de França, e quem visitar o monumental archivo de Paris, lá encontra a estatua do notavel bibliothecario de Carlos X.

D'este illustre Larne e de Maria Suzanne Larne (née Hyde de Neuville) nasce o conde de Saint-Leger de Larne.

Saint-Larne é um official francez, com uma carreira brilhante, feita na campanha da Grecia, onde serve ás ordens do general Maison.

Hyde de Neuville nomeia-o, quando ministro da marinha, para ir a Constantinopla comprar os captivos gregos para os restituir ás familias, encontrando-se n'essa missão com o delegado da Italia, que era o conde de Bobonne, mais tarde consul em Lisboa, onde se radica a familia, e com o delegado inglez, lord Prudo, depois duque de Notham-berland.

Toma parte na guerra de Hespanha, com o Duque d'Angoulême, e o ultimo capitulo dos seus serviços á França é o cargo de *prevost-militaire*, governador da Martinica, durante a revolta dos negros.

Grassava a febre amarella. Saint-Leger cahe doente; dão-o por morto, e só ao deitarem a cal no caixão para o enterrar, dá signaes de vida. Estava um

navio a partir do porto, atiram o corpo de S. Leger para a embarcação, por um descargo de consciencia, a vêr se o ar do mar largo o salvará. Quando o navio aporta a Belle-Isle o conde de S. Leger está salvo.

E' 1832.

D. Pedro IV encontrou-o, e diz-lhe: — O S. Leger, você vae commigo para a expedição.

Faz a Terceira, entra em fogo nas acções do Porto.

Um dia, S. Leger, que tinha um soldado bom cozinheiro, convidára para jantar na sua tenda de campanha, o duque da Terceira, o Lastery, neto do famoso La Fayette, e outros camaradas. Como de costume, Lastery e S. Leger caturravam n'essa tarde: Lastery era um avançado, S. Leger um moderado, viviam n'uma bulha pegada.

Eram os eternos disputadores do direito divino e dos direitos do homem.

Mas a sôpa foi para a meza, e deante d'um bom jantar como deante d'uma boa carga de bayoneta, os dois officiaes esqueciam as dissidencias politicas. Iam a sentar-se á meza, quando S. Leger recebeu (sem então nem nunca saber quem lh'o enviára), n'um papelinho dobrado, e escripto a lapis, um aviso de que os miguelistas estavam a abrir uma brecha por onde queressem entrar no Porto.

Levantam-se immediatamente.

O conde de S. Leger commandava a Legião Estrangeira, composta do refugio das revoluções de 30, em Paris. E' o primeiro a chegar ao ponto ameaçado. O combate é renhido. As mulas d'artilheria são mortas pelo fogo inimigo; os officiaes puxam ás peças; de 28 officiaes, escapam trez. S. Leger é ferido por um balazio no braço esquerdo, que lhe estilhaça os ossos, d'onde toda a vida sahiram esquirolas.

Os miguelistas são repellidos, e S. Leger, apesar de dolorosamente ferido, não fica para traz. O braço esquerdo ao peito, o direito pôde bem com a espada. Segue o Imperador. Mas nas lutas de Lisboa cae n'um fosso, bate sobre o braço, e a fractura, ainda mal soldada, torna a rachar.

N'um fogo adeante cahira morto Rojecland, outro francez, amigo de S. Leger. Rojecland era, como Bourmont, um official francez alistado nas hostes miguelistas, e ambos amigos de S. Leger e Lastery que contra elles combatiam sob a bandeira liberal.

E é S. Leger quem vae, de noite, levar Bourmont a bordo d'uma nau franceza para elle não ficar prisioneiro.

Acabadas as guerras liberaes, o capitão conde de S. Leger toma o titulo do conde da Bemposta (que Hyde Neuville tinha em duas vidas, para elle, para o sobrinho, seu filho adoptivo) e fica no Paço, como ajudante d'ordens do Imperador.

S. Leger, já conde da Bemposta, casa com a filha adoptiva do conde de Suberra, D. Maria Mancia de Lemos e Roxas.

O conde Suberra morrera já no forte da Graça, em Elvas, prisioneiro e martyr dos miguelistas. A condessa de Suberra, em cuja casa o conde de S. Leger é tratado, dá a mão de sua filha ao official francez que dois titulos tinha para herdar a sua casa: o de ter collaborado na libertação do paiz, e o ser sobrinho de Hyde de Neuville que salvára o conde de Suberra de ser assassinado no 30 d'abril, pelos miguelistas, abrigando-o na embaixada de França.

#### A menina Suberra

O conde de S. Leger, a quem o Rei Soldado elevava de conde a Marquez da Bemposta, junta assim os dois titulos: Bemposta e Suberra.

Este Marquez da Bemposta e Suberra que serviu D. Pedro IV, D. Fernando, D. Pedro V e D. Luiz e morreu tenente-general, teve uma filha, a menina Suberra, como lhe chamava a corte de D. Estephania, — D. Maria Izabel, que casou com Antonio de Saldanha Oliveira e



Souza, conde, depois Marquez de Rio Maior.

O Marquez de Rio Maior morreu, Par do Reino, em 1891.

A Senhora Marqueza de Rio Maior, filha do Marquez da Bemposta e Subsera, conde de S. Leger, neta de Larne, restaurador dos *Archives Nationaux*, de França, e segunda sobrinha de Hyde de Neuville, o *bon jeune homme*, fiel cortezão da desgraçada Rainha Martyr, ainda vive.

Tem 72 annos e uma memoria fiel como se, fallando, estivesse lendo os archivos da sua patria.

E' a Torre do Tombo do constitucionalismo.

A senhora Marqueza de Rio Maior viveu já cinco reinados: D. Maria II, D. Pedro V, D. Luiz I, D. Carlos I e D. Manuel II.

De todos elles reteve uma saudade, um episodio, um facto, como de cada um dos seus antepassados, tão illustres, guarda a serena coragem da sua fé, a mesma indeclinavel lealdade e firmeza monarchica.

E' uma Neuville, uma Larne, uma Subsera.

Assistiu ao baptisado de Sua Alteza a Senhora D. Antonia de Bragança, avó da Princeza Victoria, futura Rainha de Portugal, ao casamento da Rainha Estephania, tia avó da Noiva do Senhor D. Manuel, e vae ainda passar-se em sua vida, talvez no outomno d'este anno, o casamento de El-Rei D. Manuel.

E' esta senhora Marqueza de Rio Maior, cuja retentiva é um precioso cartorio de documentos historicos, que nos vae traçar a primeira parte do retrato de Sua Alteza Serenissima a Senhora D. Augusta Victoria, e que primeiro nos habilitou a poder dizer ao paiz quem é a futura Rainha de Portugal.

E' um vasto e enlevador assumpto, o retrato da graciosa Rainha Victoria.

Mas antes de Sua Alteza Serenissima o Principe Hohenzollern ir a Richmond apresentar oficialmente sua augusta filha, a Princeza Victoria, á Rainha Senhora D. Amelia, o que consta fará em Junho proximo, antes, já nós teremos acabado de dizer-vos quem é a futura Rainha de Portugal.

Joaquim Leitão.

## COVEIROS

«A abrir uma cova, e a cantar. Aquelle homem não terá o sentimento do que está alli fazendo?» Assim exprimia Hamlet o seu espanto, perante o coveiro, que trauteava uma aria, enquanto, ao mesmo tempo, ia rasgando na terra-mãe o ultimo leito da pobre Ophelia.

«O habito, — responde, ao Principe da Dinamarca o seu companheiro Horacio, — familiarizou-o com a profissão.»

Parecem-se todos, uns com os outros, os coveiros, — concluiremos nós. Perdem a consciencia dos seus actos. Só se impressiona quem está de fóra, e não pertence á fatal corporação.

Desculpem os leitores metaphoras tão lugubres.

Influencias do tempo, pouco alegre, na verdade, para nós outros portugueses.

Lugubres, sem duvida, mas exactas, e adequadas no fundo.

Pois o que é, afinal, todo esse furor jacobino, d'énxada e picareta (não fallando no compasso e no esquadro), — e mais a sua faina incansavel dos ultimos cinco annos, — senão um «coveiro a abrir uma cova?»

E esse sangue-frio, entre olympico e aggressivo, com que se conduz uma Nação inteira pelo caminho das desgraças irreparaveis, — como ha de chamar-se-lhe, na mais benevolente das hypothèses, senão a inconsciencia de quem,

uma vez crystallizado nas rotinas do exclusivismo sectario, já de todo perdeu o uso das faculdades normaes da intelligencia e definitivamente embotou as sensibilidades do coração, proprias do commum dos homens?

Uma Nação é um equilibrio complexo formado atravez dos seculos, por acções, e reacções reciprocas, dos seus componentes internos, e elementos externos.

O espirito e o esforço dos Homens, por um lado, e a Natureza, por outro lado, entram, como termos activos, na constituição d'essa formula d'estabilidade.

E essa formula d'estabilidade, ou esse estado d'equilibrio, são, n'um dado momento, aquillo que os antecedentes historicos, e as leis necessarias da transformação evolutiva, ordenam que sejam. Isso, e não outra cousa.

Isso, que se traduz por uma realidade

feita a machado e a enxada. Ou com a machadinha de pedra dos Troglodytas, que, afinal, tambem é bom instrumento para obras d'este genero.

Assim a Republica se divorciou do Paiz.

Este, por seu lado, está compreendendo os perigos da aventura em que se encontra mettido.

Acalenta, de ha muito, nas suas intimas aspirações, um programma seu, que não vê meio de realisar: O engrandecimento pela Paz e pela Ordem internas, pela expansão do Trabalho, pela elevação das Classes mais desajudadas da fortuna, pela exploração do solo, pelo desenvolvimento da marinha mercante, pelas escolas, pela technica, pelas officinas, Finança, e pura administração.

Tomando os exemplos da Italia, e as lições de Luzzati, reconstituir totalmente a prosperidade agricola, pela sciencia, pelo cooperativismo, pelo Credito. Escla-

eil de demonstrar sem grandes dispendios de logica.

Tudo isto pensa, e tudo isto reconhece, o Bom Senso Publico, dentro do fóro da sua Consciencia.

Falta só exteriorizal-o devidamente.

Henrique de Paiva Couceiro.

## Os bons tempos da tropa

### O Zé Maria

Uma verdadeira tragedia aquella instrucção de recruta na escola do alferes Zé Maria — pittoresca alcunha, porque nós o conheciamos.

Uma verdadeira e completa tragedia...

Não porque, na realidade, Zé Maria fosse um mata-moios feroz.

Não, senhor! Pelo contrario, apesar de muito telhado, de extremamente telhado, Zé Maria, fóra da parada, era bendoso para as praças e em todas as instrucções, que não demandassem vozes de commando, d'uma paciencia evangelica.

Bom instructor, era até modelar a maneira como elle ministrava a «preliminar de tiro».

Com que extremo cuidado, com que minucioso *savoir-faire*, elle ensinava aos seus galuchos a theoria do mechanismo de disparar, a acção progressiva e lenta do dedo sobre o gatilho, com que escrupulosa attenção elle seguia a vagarosa elaboração dos triangulos no alvo!

Levava tempo mas ficava cousa acceiada e até, em Pedrouços, na carreira, se distinguiam os soldados da 4.ª, pelo conhecimento da causa, com que iam para a linha de tiro, pela confiança e segurança com que tomavam da Mauser, a apontavam e faziam belas séries.

Se até nós outros, das restantes companhias do batalhão, conseguíamos assistir, sem nos lembrarmos de rir, á complicada *manobra do pisca-pisca*, que mais não era o exercicio repetido de fechar o olho esquerdo para tirar a linha de mira e que Zé Maria dava em conjuncto aos 50 e tantos recrutas da sua companhia...

Figure-se o leitor a companhia de fileiras abertas e Zé Maria «mandando»:

— Abrir e fechar o olho esquerdo em dois tempos! Escola: attenção!

E logo:

— Um!

E tudo fechava o olho em questão...

Depois:

— Dois!

Tudo voltava ao seu estado normal.

O exercicio repetia-se, accelerando a cadencia: «Um! Dois! Um! Dois!» e era altamente comico, ouvir, a meio, Zé Maria, entusiasmado:

— Um! Dois! Um! Dois! Mais rapido!... Um! Dois! Um! Dois! Troca o olho, 49!

Era o 49, que se enganára e fechára o olho direito, em vez do esquerdo.

Pois nós viamos isto tudo sem rir. Demais, era o *Regulamento de Tiro*, que e preceituava...

\* \* \*

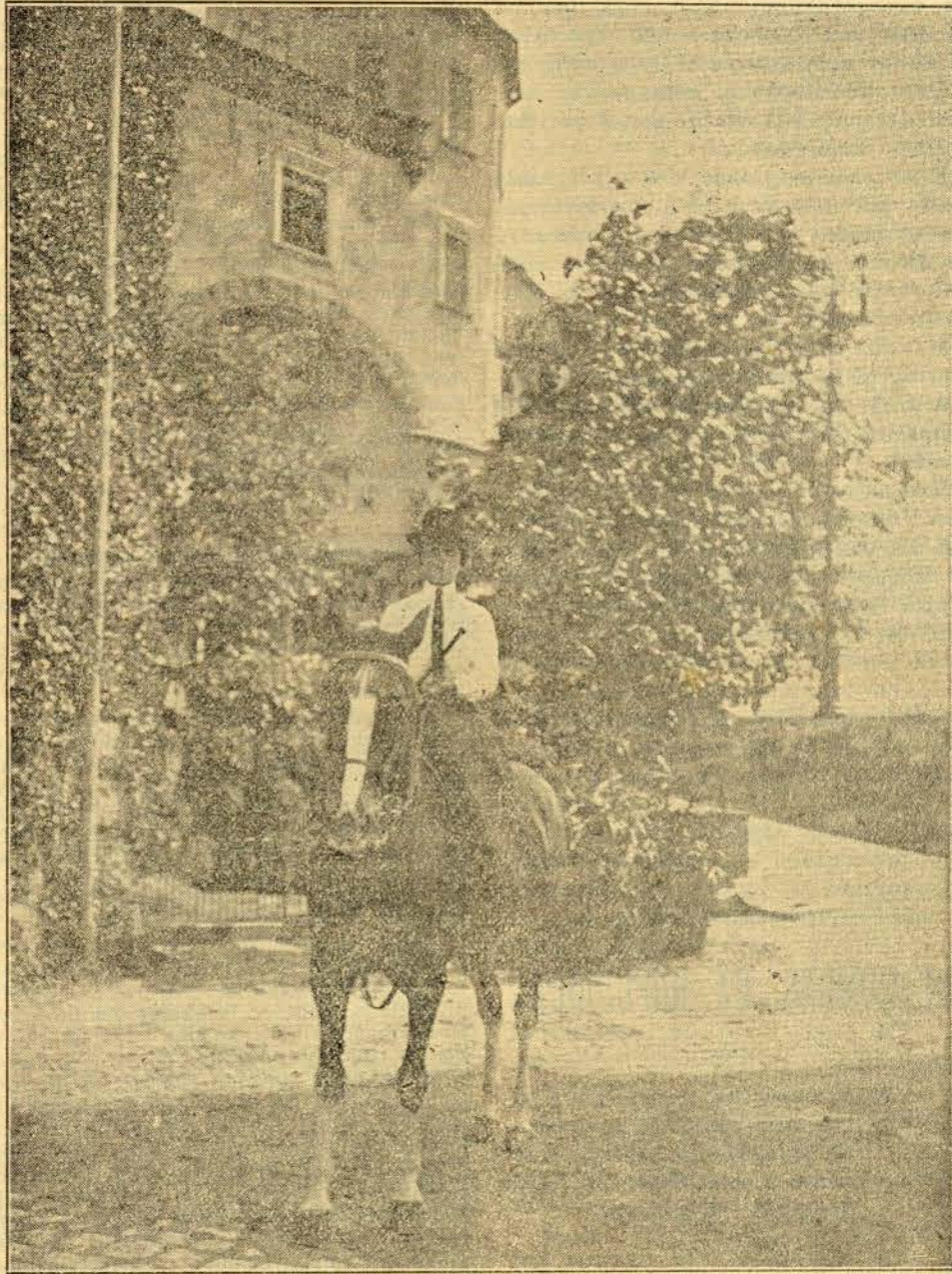
Mas na *instrucção talica*, principalmente nas primeiras lições é que era a tragedia, a grande tragedia.

Zé Maria sentia que a paciencia toda lhe fugia, pelo tempo do *bonet*.

Elle emphrenesiava-se, elle berrava, elle quasi chorava, batia os pés no chão, enfurecia-se quando os «movimentos» não eram simultaneos. Um pavor!

A coisa a principio começava bem: Zé Maria explicava com toda a clareza, executava elle proprio o exercicio que queria. E todo elle era:

— Pois se vocês, rapazinhos, perce-



S. A. a Princeza Victoria de Hohenzollern, passeando no parque do Castello de Sigmaringen

concreta e palpavel, com as suas determinadas caracteristicas, feitos e tendencias, com as suas definidas qualidades, atavismos e preconceitos, — existentes de facto, e insusceptiveis de desaparecer, ou de modificar-se de um instante para o outro.

Isso, que tem de tomar-se forçosamente como ponto de partida para outras transformações evolutivas, conduzindo a Patria a novos estágios da sua vida immortal. Entrar com a taboa raza no desenvolvimento de phenomenos d'esta ordem, não chega a perceber-se que caiba dentro de qualquer senso commum, por modesto e mediano que seja.

E, todavia, coube dentro da transcendencia genial dos nossos incomparaveis demagogos.

Taboa raza, eis, com effeito, o seu programma. Nem mesmo foi possivel, até agora, descobrir-lhes outro diverso d'este.

Taboa raza, sem palliativos, sem complacencias, sem transições. Patria Nova

recer a acção do fomento governativo, por meio de serios inqueritos, agrario, e ás Indústrias.

Economia social, em resumo, e guerra ao politiquismo. Voz ás Camaras de Commercio, d'Industria e d'Agricultura, ás Corporações profissionais, aos orgãos, emfim, da Produccão e da Riqueza.

Credito, e boa Diplomacia, indispensavel, demais, n'um Paiz de Colonias esparsas.

Boa Diplomacia tivemos-a já sob os patrioticos auspicios d'El-Rei D. Carlos. Mas o advento da Republica, quebrando a tradição historica e o laço das solidariedades inter-monarchicas, enfraqueceu, desde logo, muitissimo, as nossas defezas internacionaes. E o desconhecimento em que o actual regimen veio a cahir depois, aggravou ainda a situação.

O mesmo desconhecimento nos está prejudicando o Credito. As correntes da sympathia financeira ligam-se fundamentalmente com a boa politica do socego e do juizo, que a Republica nem nos deu, nem póde vir a dar-nos, conforme é fa-



bem isto com certeza muito bem... Se eu tenho a absoluta certeza de que vós ides fazer isto muito bem... Vá! Attenção! Tu, 45, que és um rapaz intelligente, vem aqui para a frente... Vamos lá... No primeiro tempo de *hombro arma*—logo que eu dê a voz—tudo suspende a arma com energia... hein! Não custa nada... E' assim!

E Zé Maria suspendia a arma com um esticão brusco do braço.

Mas a certa altura os ares começavam a entorpecer-se. A «execução» não correspondia á «concepção exigente» do nosso homem.

Zé Maria principiava a estar menos amavel. Mettia as mãos nas algibeiras, tirava-as nervosamente, dava estalos com os dedos, tossiacom força...

Já nós, com as nossas *escolas* em volta da velha *Praça Nova*, lhe ouviamos a voz, dizendo para o 45, «que era um rapaz intelligente» e portanto escolhido para *modelo*, em tom muito grave e com voz grossa:

—45, 45!... Olha que não é isso assim! Endireita essa espingarda! A *chapa do couce* bem assente na mão esquerda. Mau, mau! Não é assim! Irra! Não espetes a barriga para fóra!...

E a *tempestade* rugia. Os recrutas da *escola* de Zé Maria principiavam a estar amarellos e de olhar desorientado...

E o tom subia:

—O' 45! O' 45! Não é isso, grande raio! Ah! Desastrado que prégas com a arma no chão!

E dobrado em dois, n'uma «carga» selvagem, os braços no ar e as mãos crispadas, investia com o pobre 45, que até chorava de atrapalhado:

—45! O' senhor 45! O senhor é burro! Reconheça que é burro! Já!

D'ahi por diante era uma cousa indescriptivel. A *escola* andava n'uma fôna. Zé Maria, completamente perdido de cabeça, despejava vozes consecutivas:

—Accelerado! Quatro á direita—volver! Meia volta... Volver! Ordinario!... Accelerado!

E toda a *escola* andava doida, sem saber o que fazer. Havia pobres galuchitos desgarrados que vinham, como frageis embarcações fugidas á tempestade, acolher-se ás nossas *escolas*, longe das *vistas* e *fogos*... até o tempo amainar...

Zé Maria era então bem o tyranno de tragedia. De olhos a fuzilar, bigode hirsuto ao vento, a meio da parada, parecia rugir:

—Oh! filho ingrato, que tão cedo mataste o teu Pa... á... e... e!

Nós desistimos por fim de ensinar fosse o que fosse aos nossos homens.

Mandavamos *descançar* e mantinhamo-nos na expectativa benevola.

A's vezes, *se ainda era tempo*, dirigiamo-nos, *em commissão*, a Zé Maria e pediamos-lheolicitos:

—Então, Zé Maria, o que é isso?! Modera os teus impetos... Olha que t'ó pedem os 40 maiores contribuintes e que para o mez que vem é a abertura das *Côrtes*... O' menino, acalma-te que nós também precisamos de trabalhar...

A's vezes Zé Maria acalmava-se.

Mas era só *às vezes*... Então mandava a *escola* para um canto da parada, a *ensarilhar arma*. Dizia-lhes que fumassem e desafogava comnosco.

—Mas são muito tapadinhos!

E, como ultimo aguaceiro:

—O' seu 45. Sabe como se chama um animalzinho que *vôa* e *dá couces*? E' um burro! E' o que o *menino* é... Não chore... tome lá um cigarro...

45, meio choroso, meio risonho, acquiescia e ia saltar o eixo com os camaradas na «carreira de tiro de revolver», lá ao fundo da parada, junto á muralha...

\*

\* \*

N'aquelle dia, porém, foi tétrico, porque a acção se desenrolou enquanto o diabo esfregava um olho.

Mal nós nos precatavamos, já Zé Maria passara ao segundo *registro* de voz...

Da *escola* immediata á minha, o placido *kikero*, cujo unico signal de má disposição de espirito, se traduzia na maneira de dar a voz de *sentido*: «Senti... i!», se tudo lhe corria bem—«Senti-ó!» se estava de mau humor; o *kikero*, iamos a dizer, disse-me de lá, indignado:

—Com aquelle diabo a berrar assim nem em cavallaria 4 se póde dar instrucção...

Effectivamente o berreiro era já ensurdecedor...

Ainda o velho Dr. Cunha, capitão medico, que por alli andava aos piparotes ás arvores, segundo o seu costume, se atrevêra, a nosso pedido, a ir chamar Zé Maria á boa razão. Mas, qual historia! Zé Maria corra-o:

—Não me masse, seu *xarope* e *pillula*... Deixe-me...

E o timido clinico fugira temeroso.

Ora era o caso que o 19—*Yalú*, como era geralmente conhecido, por ser tal qual um japonês—não era capaz de atinar com a *meia volta a pé firme*.

Qual pé direito á retaguarda, nem qual carapuça! Havia de ser, e por força, o pé esquerdo...

E isto, quatro, cinco, dez vezes, vinte vezes, por mais que Zé Maria gritasse:

—A modos que o *menino* é burro... Pé direito, pé direito é que é!... Esse em que te puz a pedra!... Irra! *Primeira fórma!*

Mas 19 não havia meio... Pé esquerdo, pé esquerdo e pé esquerdo!

A tragedia ia subindo de intensidade dramatica. Zé Maria já tossira com estrondo!

Mau signal...

—Primeira fórma! Primeira fórma!

E 19, o *Yalú*, com a sua cara parada de *nipponico*, a chorar como uma cascata, a fazer escovinhas com os pés, aos pulinhos, aos saltinhos, a coçar a cabeça, já perdido elle tambem, gritava, de doido, em unisono com Zé Maria:

—Primeira fórma! Primeira fórma!

.....

Saturio Pires.

## OS HOMENS DA REPUBLICA

Monarchicos sem monarchia — A fallencia dos homens da Republica — Os agitadores da populaça — Armando á popularidade — A lei da Separação — O bamburrio.

*Monarchia sem monarchicos*, assim definia lapidariamente El-Rei D. Carlos a situação do paiz durante o seu reinado. Aggravada no reinado subsequente, tornava-se morbida e bamburriamente propicia a implantação d'uma republica em Portugal. Não é por isso muito de admirar que, da materia prima d'uma simples arruaça, a mão de obra d'uma acobardada indiferença publica extrahisse o estabelecimento revolucionario de regimen novo.

E cabalmente se explica a impaciente e soffrega adhesão inicial da grande maioria dos monarchicos.

Nunca nascera mais facilmente uma fórma de governo; nenhuma encontrara jámais maiores facilidades deante de si. Mas nunca tambem um regimen e as suas improvisadas classes dirigentes justificaram mais vertiginosamente o proverbio, que attribue á Providencia o plano tantalizador de só prodigalizar nozes a quem não disponha de adequadas dentaduras. Os desacertos, os erros e crimes succederam-se em estonteadora cinematographia. Attingiu a suprema confirmação aquella encanecida sabedoria dos salmos, que attribue ao abysmo um estranho e fatal poder procreador de abysmos novos.

Ao cair o velho regimen era, portanto, o paiz uma monarchia sem monarchicos. Hoje vêem-se — monarchicos sem monarchia. Falta a realza uma base de fé e dedicação; hoje é a realza que falta e sobra-lhe base em que se apoie.

Em outubro de 1910, se não existia fé monarchica combativa, era escassissimo o numero de republicanos: estava a monarchia á mercê d'um bamburrio, mas não tinha fatal-

mente de cair. Agora, ha republica sem republicanos e com a grande parte do paiz resolutamente monarchica. Não se dá, pois, a simples possibilidade e sim a inilludivel necessidade historica da queda do regimen.

Quem fez o milagre de virar Portugal do avêso, de tornar monarchicos militantes e ferrenhos os que o eram sem nitida consciencia de o serem, nem consistencia, nem entusiasmo?

Não ha duas opiniões ácerca do assumpto: foram a politica e administração da republica que quasi improvisaram esta profunda revolução no espirito publico, como se ás actuaes instituições houvera sido providencialmente encommendado conseguir para a monarchia uma base, que tornasse a sua missão facil e efficaz.

A guerra paradoxal da republica aos chamados «adhesivos», como se devera governar contra a maioria, que, com ou sem fé, estivera alistada nos partidos monarchicos ou a elles ligada; os decretos dictatoriaes ferindo ineptamente grandes e numerosos interesses, como o sobre inquilinato; o divorcio amplissimo, a equiparação dos filhos naturaes, adulterinos e incestuosos aos legitimos, arruinando funestamente a familia e a sua influencia social; a violentissima formula de separação; o terrorismo, a anarchia das ruas, dos serviços publicos, das casernas; a falsificação do suffragio e a eternização da dictadura municipal e parochial; a supressão de todas as liberdades; a guerra desorientada á propriedade agricola com a provocadora reforma da contribuição predial e a sua influencia no imposto de registro; a «chantage», que se está fazendo contra os proprietarios das roças de S. Thomé, um dos mais solidos factores da prosperidade publica; a desatinada progressão de despezas e tantos outros factos a estes equiparaveis: — eis as verdadeiras causas do espirito contra-revolucionario, que póde achar momentaneos embaraços, mas não deixará por fim de vingar, e de derrubar a instituição, que em menos de trez annos se demonstrou incompativel com o paiz, a sua prosperidade e bom nome e até com a sua autonomia. Esta a cabal explicação da crise, em que, poucos mezes após o advento, bafejado por tantos acasos, do novo regime, este entrava, para d'ella já não poder sahir com vida.

\*

Facilmente se enxergam os motivos da escandalosa fallencia dos homens da republica portugueza. Muitos d'entre estes foram pessoas que só se declararam ou só se conservaram republicanos por não poderem ter sido aproveitados, na medida das suas ambições, pelo velho regimen.

Das individualidades mais em vista do velho partido, os que alguma vez hajam sido susceptiveis de talentos de governo e administração, haviam fatalmente de os abortar, especializando-se no facil, dissolvente e subalternizante apostolado revolucionario dos clubs, da imprensa subversiva ou n'uma acção parlamentar, tendo exclusivamente em vista o exito nas galerias e o applauso do jornalismo vermelho, e das chafaricas e turbas.

Tende a opposição systematica a lançar o politico em desmoralizadora e sophistica neutralidade perante as soluções politicas e administrativas. Para se combater quanto fazem os adversarios lança-se mão de futeis sophismas e meros expedientes rhetoricos. Passa-se a procurar sómente effectos; os proprios principios são invocados sem a minima sinceridade e como simples estribilhos declamatorios. A opposição «profissional» reduz o politico á condição de sophismador e rhetorico vulgar que caracteriza os agitadores, cuja feição negativista os torna incapazes de governar e administrar. Corrige-se ou atenuam-se os inconvenientes da deleteria opposição por systema, nos periodos de governo, em que encontram ensejo de se desenvolver as aptidões organisadoras e positivas de quem tem um temperamento politico. Mas quando se gasta em opposição systematica todo o longo periodo, em que o espirito costuma desenvolver e consolidar as qualidades naturaes, perde-se forçosa e definitivamente toda a idoneidade para administrador e governante.

Foi o que se deu com o republicanismo portuguez que, empenhado durante umas dezenas d'annos n'uma propaganda negativista, havia necessariamente de se inhabilitar para todas as responsabilidades de governo, na medida em que desenvolvia a capacidade de agitar as multidões.

Accresce que estava condemnado a dirigir-se sobretudo ás camadas mais boças e violentas da populaça, ás que mais prompta e efficazmente pudesse levar um dia a uma cabeçada revolucionaria. Tendo de lhes ageitar argumentos e oratoria, deviam os prégadores republicanos embotar e perder as faculdades superiores que, uma vez por outra, pudessem originariamente ter.

Para agitadores da populaça não se querem intelligencia e illustração extraordinarias, e exige-se em absoluto a perda de todo o pudor intellectual. E' de incontestavel effecto e de pouco dispendio mental chamar de bandeoleiros os politicos contrarios, prometter o bacalhau a trez vintens, a supressão dos impostos, a prosperidade gratuita e obrigatoria, e clamar que a republica é uma pedra philosophal que transforma uma nota de dez tostões do Banco de Portugal, n'umas dezenas ou centenas de libras em ouro.

Mas se semelhantes processos podem re-

dundar na victoria, embora ephemera, da causa, são sempre funestos para as pessoas que, empregando-os, abdicam de todas as qualidades apreciaveis e se subalternizam na psychologia superficial e insalubre de cabeças de motins.

Realisam sem duvida uma tenaz e consideravel obra de agitação e propaganda negativa os dirigentes republicanos. Mas esta circumstancia, em vez de os affiançar de alguma maneira para estadistas, mostrava-os irreductivelmente inaptos para este papel, intrinsecamente irreconciliavel com o que com tanto ruido haviam desempenhado.

Pretenderam governar sem sequer se associar, no momento em que o podiam ter feito, alguns dos homens do antigo regimen menos alvejados pelas campanhas jacobinas e menos intransigentes. Desprezaram assim o meio de neutralisar um pouco os defeitos proprios da mentalidade revolucionaria pelo concurso d'algumas capacidades de governo.

N'estas circumstancias, aconteceu o que não podia deixar de acontecer: passou-se a governar com aptidões e processos de opposição e de opposição revolucionaria! Como revolução e bom e salutar governo são coisas antagonicas, todo o chamado governo revolucionario constitue um governo contra o paiz, uma constante revolução das classes dirigentes, atamancadas de pé para a mão, contra a maioria nacional, o que conduz a uma invencivel reacção restauradora.

São tão diversos os processos e artes da opposição radical e do governo que as chamadas contradicções do homem publico no poder estão quasi sempre em razão directa dos talentos de estadista. Um verdadeiro homem de estado, ascendendo ao poder, recua e torna-se de certo modo conservador: exemplificação brilhante d'esta regra, ahi a temos em Briand. Um homem sem aptidões de governo, levado ao poder, refina em jacobinismo: exemplos d'esta casta, offerecem-no-los o sr. Affonso Costa e os seus correligionarios, atritados pelas excentricidades d'um acaso phantastica para as cadeiras ministeriaes.

O homem de governo chegado ao poder, governa. O agitador, que o temperamento ou a educação tornou incorrigivel, chegado ao poder, continúa a agitar. Ministro... continúa em opposição, d'esta feita dirigida contra os governados. E as suas medidas são o que lhe eram os artigos e as discursatas: meros *effeitos oratorios*, destinados ao mesmo publico fanatizado para quem falava e escrevia na opposição.

Armar á popularidade é processo das opposições — e armar á popularidade populaceira, o processo especial das opposições jacobinas. Mas mal vai ao governo que reduza as providencias politicas e administrativas a uma rhetorica official, tendo em vista armar á popularidade e sobretudo á da populaça. A caça a uma e a outra não é uma fórma de governar, mas só de, normal ou revolucionariamente, conquistar o governo.

Tendo desperdiçado o ensejo de se apoiar na maioria, ficou condemnada a republica a governar contra ella, com o terrorismo, o tumultuario arbitrio, o espirito de extorsão, proprio d'uma minoria insignificante e principalmente d'uma minoria recrutada na camada violenta e para os quaes todo o remedio é tardio. A este peccado original accresceu o do feito de agitadores e clubistas dos dirigentes. Governar para elles é lisonjear e deslumbrar as clientelas com os radicalismos mais ineditos e aleatorios; é exceder quanto nas nações mais radicaes se haja iniciado; é insistir em fanatizar no governo as camadas fanatizadas na opposição, estimulando-lhes a feição sectaria com a effectiva e cabal impunidade; é cultivar um *terror de estufa*, preparando para o regime o destino de todos os governos, que no *terror* se baseiam.

Não póde haver exemplo mais frisante d'este estado de alma que o systema portuguez da separação da egreja e estado.

A populaça jacobina teria aceitado o systema liberalissimo dos Estados-Unidos ou do Brazil, ou, em ultimo caso, o que em França existe, desde que Clemenceau, homem de estado a valer, fazendo promulgar a lei de 2 de janeiro de 1907, transigiu com a orientação das encyclicas *Vehementer Nos* e *Gravissimo officii* quanto ás associações cultuaes instituidas pela lei de 9 de dezembro de 1905. E manifestamente não se haveriam desencadeado sobre o paiz as perturbações produzidas pela extraordinaria formula inventada pelo ministro da justiça do governo provisório, para fazer como que desvanecer-se em Portugal o catholicismo no curto espaço de tempo, correspondente a duas gerações.

O sr. Affonso Costa não podia, porém, fugir ao prurido de no poder e em actos levar a *opposião* á Egreja e á grande maioria catholica do paiz mais longe do que a levára em tempos da monarchia e em discursos. Precisava de se mostrar um politico «d'uma canna só», portuguez «de antes quebrar que torcer», n'uma palavra um estadista, de que o Marquez de Pombal fóra apenas um rascunho muito imperfeito e quasi ridiculo.

Desatou por isso a decretar para as viúvas e filhos... dos padres catholicos as pensões estabelecidas pela lei franceza para as viúvas e filhos de sacerdotes de cultos, que não estabelecem o celibato ecclesiastico; a prohibir o uso de habitos talares nas ruas; a tornar dependentes os actos de culto publico fóra das egrejas de auctorizações, destinadas a converter-se em torpe *chantage* eleicoeira; a attentar contra a liberdade do ensino religioso nos proprios estabelecimentos particu-



lares de educação; a atarrachar a tutela governamental sobre os seminários e respectivo systema de educação preparatoria; a substituir ao padroado real e catholico sobre a igreja um monstruoso padroado republicano e atheu, prohibindo que, emquanto o governo assim o julgue conveniente, entre um novo parochio em exercicio de funcções sem auctorisacão administrativa; a requintar o beneplacito! A um fanatico e violentissimo regimen de separacão associaram-se paradoxalmente institutos só concebíveis em paiz de religião de estado e onde o sacerdote é de certo modo um funcionario publico: — tal a tutela sobre os seminários, tal o beneplacito, tal o padroado.

Como se facultades historica e logicamente exclusivas do Estado, quando assume a missão de proteger o catholicismo, pudessem coexistir com a neutralidade religiosa do poder, ou com a sua declarada missão de exterminar a religião catholica! Nada mais monstruoso que intervir o Estado não só atheu, como especialmente anti-catholico, na escolha de parochos, no ensino de seminários, e na publicação por individuos, que não são de nenhum modo funcionarios publicos, dos diplomas religiosos. N'este ponto estabelece-se uma odiosa e vexatoria censura previa.

Não era necessario tanto para lisonjear a carbonaria, com que o sr. Affonso Costa contava incondicionalmente, e que acceitaria como ouro anti-clerical de lei quanto o ministro da justiça do governo provisório como

tal houvesse por bem impingir-lhe, mormente desde que um decreto toleravel sobre cultos fosse precedido d'um furibundo relatório «mata-grades», contra a reacção, o obscurantismo, os jesuitas, o Syllabus, a alma penada da Inquisição... e os mais ritornellos obrigatórios na propaganda anti-catholica.

Era, porém, sina do sr. Affonso Costa como dos mais dirigentes republicanos, governar o paiz, fazendo-lhe opposição terrorista e populaceira, e com o desapego a principios e soluções praticas, que é a feição politica dos agitadores.

O que melhor caracteriza o jacobinismo é o sceptismo rhetorico e sophistico com que se invocam as liberdades individuaes e a soberania nacional em todos os quotidianos attentados á liberdade do cidadão e á soberania do povo. E nada mais previsto e natural do que os propagandistas, agitadores e revolucionarios, alçados ao poder, converterem o governo em propaganda, agitação e revolução permanente, a coberto e até com o auxilio da força publica.

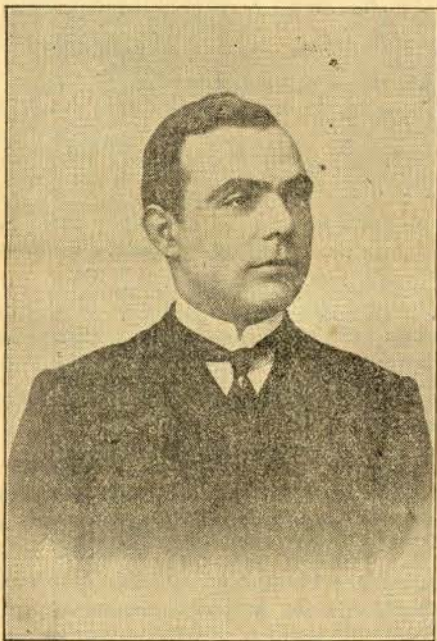
A republica portugueza tem sido o que tinha de ser, dados os elementos que a lograram implantar, aproveitando os erros da monarchia. Das consequencias d'estes nasceu, e está destinada a viver só d'ellas e só emquanto ellas durarem. Irá até onde fór a velocidade adquirida do bamburrio inicial.

Fernando Martins de Carvalho.

## AS CADEIAS DA REPUBLICA

### Padre José Pinheiro Marques

Actual Prior d'Alcantara



Padre José Pinheiro Marques

O Padre José Pinheiro Marques, o actual prior d'Alcantara, apezar de relativamente novo, tem saboreado quasi todas as sensações que a demagogia offerece aos conservadores.

Falta-lhe a fogueira, porque o constitucionalismo a apagou em 33, e a guilhotina, porque a Republica, — certa de que se veria a braços com novas dissidencias partidarias, tantos seriam os candidatos a requerer, a exigir o logar de Deibler, — não a implantou, reconhecida a impossibilidade de dar a um correccionario só o monopólio de carrasco.

Nascido em 71, n'um tecto humilde de Figueiró da Granja, concelho de Fornos d'Algodres, o Padre José Pinheiro Marques cursa o seminario de Vizeu, e, como sub-director d'um collegio de Vizeu, e depois do Collegio de Lamego, chega á Missa Nova, dita na parochial de Figueiró.

Praticando as admiraveis resignações do cura d'aldeia, que só o clero secular portuguez conhece e padece, percorreu as parochias de Villa Chã, de Muxagata e Abravezes,

e Algodres, até que as suas facultades de predicador e evangelista o tornam preciso em Lisboa, onde entrou pela freguezia de S. Christovam, para ficar, emfim, na parochia d'Alcantara.

O homem, habituado a trabalhar para se ordenar, trabalha, então, ainda mais, n'um bello impulso d'actividades.

E' professor na Escola Academica, de Lisboa, é um dos oradores mais frequentes e mais escutados da Juventude Catholica e do Circulo Catholico, faz jornalismo, faz publicidade, faz evangelismo.

As choças, acostumadas a vêr o clero secular reduzido a um amanuensado da Igreja, chamam-lhe reaccionario. E o crente, que, nas conquistas scientificas modernas, se embebe de nova fé, traça o seu conhecido livro — *O Socialismo e a Igreja*.

Em fevereiro de 1912 o Padre José Pinheiro Marques confirmava as suas crenças, respondendo no Tribunal da Boa-Hora por transgressão á Lei da Separacão.

Em 24 de maio do mesmo anno era preso, na rua do Ouro, accusado d'agitador.

Era a primeira prisão, apenas a primeira. Solto dias depois, em 8 de junho de 1912 era agredido no Chiado, e levado, sob prisão, para o Governo Civil, d'onde o remetem em liberdade, no dia immediato.

Dois mezes mais tarde, a 17 d'agosto, tornaram a prendel-o na sua terra natal, á ordem da 1.ª Divisão Militar. Seis dias de sentinella á vista, na cadeia de Fornos d'Algodres, e depois Limoeiro, para mais doze dias de incommunicabilidade.

Subitamente tiram-o do Limoeiro, para... dar um passeio em carro cellular até ao Castello de S. Jorge. Dois mezes e meio depois tornam a levá-lo para o Limoeiro.

A 20 d'abril de 1913 foi posto em liberdade, sem julgamento, por falta de provas para a pronuncia.

Sete mezes preso, sem pronuncia, não é banal.

Se o actual prior d'Alcantara não fosse já uma figura conhecida, as cadeias da Republica tel-o-hiam tornado celebre.

Quando o Padre José Pinheiro Marques passasse na rua ou na conversa, dir-se-hia: — «E' o que nas cadeias da Republica esteve preso sete mezes, sem culpa formada!»

Mas como decerto não é o unico e havia o risco de confusões, o melhor é continuar a tratar o actual prior d'Alcantara, pelo seu nome: Padre José Pinheiro Marques.

mais uma prova evidente da falta de base politica e social d'essa cousa que para ahi se fez em 5 d'outubro de 1910, com a cumplicidade de alguns falsos servidores da monarchia, que não souberam defender a sua honra, defendendo o regimen que serviam. Emquanto, n'uma triste madrugada, dois *authenticos heroes* da Rotunda eram mettidos no porão do «Cabo Verde» e levados para uma fortaleza bem afastada do campo do seu... heroismo, aqui, em pleno parlamento, o *heroe* maximo, o sr. Machado dos San-

tos — que o mesmo é dizer: a Rotunda, os vivas, á gloriosa republica — soffria a desautorisação mais vergonhosa, recebia a bofetada mais forte, que bochechas humanas têm supportado.

Nós assistimos, infelizmente, a essa sessão na camara dos deputados. E dissemos *infelizmente*, porque como portuguezes temos sempre vergonha de vêr dominando aquelle estendal de miserias, que é o parlamento, em que não luz um cerebro esclarecido, onde tudo são paixões ruins e odios mal occultos.

Tinha fallado contra a apprehensão de jornaes — obra do *liberalissimo* governo que tem o poder — o sr. dr. Antonio José d'Almeida. Bem batidos aquelles *rr* da sua rhetorica retumbante, puxadas com força aquellas imagens ócas que fizeram época nos comicios, pôde dizer-se que do seu discurso não saiu uma affirmacão de valor. Parecia ter receio que o *mestre-escola*, que n'este caso era o sr. Affonso Costa, lhe desse duas palmatoadas. A resposta do chefe do governo foi uma rabulice. Fallou, fallou, fallou, mas dizer a razão da apprehensão dos jornaes e a lei em que se fundamentou para semelhante violencia foi cousa que lhe não chegou á lingua. O sr. Antonio José retorquin, mas foi peor a emenda que o soneto.

Coube a vez ao sr. Machado dos Santos de dizer da sua justiça sobre o assumpto. Tinham-lhe chegado a roupa ao pello, apprehendendo o *Intransigente*, vinha-lhe vontade de reclamar. O seu dever seria, incontestavelmente, como aliás o de todos os jornalistas, que teem logar no parlamento, (e não são poucos) protestar contra tão violenta medida logo após a apprehensão de *O Dia* e da *Nação*, seus inimigos politicos, mas jornaes acima de tudo. Mas qual? Eram *thalassas*, não valia a pena. Cahi-lhe o raio em casa e eil-o a gritar com quanta força a sua voz rouca lhe permitia, que era um ataque á liberdade, um atropelo da lei, uma violencia inqualificavel.

Tudo aquillo estava muito bem, mas o melhor tinha ainda de surgir. E vae vêr-se que na verdade foi um successo de appetite.

O *heroe* da Rotunda começou a certa altura do discurso a occupar-se da sua personalidade, dirigindo repetidas *biscas* ao chefe do governo. Fallou dos ataques que lhe tem sido feitos e affirmou que o deputado Manuel Alegre sabia quem tinha mandado soltar um individuo, que tinha sido preso por pretender assassinar-o, a elle Machado dos Santos.

O sr. Manuel Alegre ergueu-se do seu *fautueil* e declarou textualmente o seguinte, que lhe ouvimos palavra por palavra:

— «V. Ex.<sup>a</sup> mente. De si recebi eu um convite para ir a sua casa, onde me pediu que fosse a Aveiro insubordinar infantaria 24, pelo facto de eu alli dispôr de alguma influencia, confessando-me o seu intento de por este modo dar cabo do sr. Affonso Costa e Bernardino Machado. Appelo para o testemunho do sr. dr. Moura Pinto, deputado, a quem por collaboração em tal serviço offerecia o logar de director geral de instrucção publica.»

*Tableau!*... E foi uma vez um *heroe* da Rotunda pelo alcapão.

O aspecto da camara era alguma cousa digno de vêr-se. O presidente do governo ria de contente, como quem tem a satisfacão de vêr afundar-se em lama um inimigo. Aquelle riso era bem eloquente. Era toda a psicologia do sr. Affonso Costa. Nem as apostrophes dos seus correligionarios, afirmando que ainda havia factos mais graves, nem os gritos dos *meninos* do sr. Antonio José, pedindo que dissessem tudo, nem a desgraçada situação do *heroe* da Rotunda, — nenhum d'esses factos nos prendem tanto a attentão como o riso *mephistophelico* do sr. Affonso Costa. Era de vêr. E não sabemos porque, mas deu-nos a impressão que assim rirá no dia em que

vir afundar-se definitivamente a ultima taboa podre d'esta caranguejola que é o regimen que elles defendem.

E elle lá sabe porquê...

Quarta-feira 7.

Raul.

## Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 141

Telephone, 2.777

LISBOA

### Chronica militar

Paris 2 de Maio de 1913.

#### «A DEFEZA DE CHAVES»

Meu Caro.

Chegou finalmente ás minhas mãos a «Defeza de Chaves, em 8 de Julho de 1912 — subsidios para a historia do Regimento de Infantaria n.º 19», cuja remessa o meu amigo me annunciava ha dias.

Muito obrigado pela lembrança que acho realmente muito interessante sob todos os pontos de vista.

Quer então que eu lhe diga o que penso sobre o livro e sobre o seu auctor — o Tenente-Coronel Augusto de Carvalho — não é assim?

Pois então ahi vae, com a devida vénia a quem dirige este jornal.

Compreende bem que só terá a contar com poucas linhas fugidias, que tanto é o que se pode exigir d'uma rapida leitura, feita d'um fôlego e a correr — tamanha era a curiosidade de lêr *tudo* até ao fim e no mais breve espaço de tempo.

Tambem só incidentalmente me referirei ao *Combate*. Mais tarde, nas mesmas columnas d'este jornal, Joaquim Leitão, com a sua penna brilhante e a sua prósa viva e entusiastica, com a sua grande probidade e bem documentado como está e é de seu uso sempre trabalhar, lhe dará em capitulos cheios de interesse e bafejados pelo grande sópro patriótico, que o anima, a impressão do que foi, na realidade, do lado da Columna Monarchica, essa acção memoravel.

Hoje a minha intencão é simplesmente manifestar-lhe qual a minha impressão pessoal e geral sobre o livro e o seu auctor.

Absolutamente mais nada.

\*  
\*  
\*

Confesso-lhe que abri o folheto com interesse e — quer crêr? — até com sympathia. Já um dia tive de trabalhar em investigacão historica e sei bem que coisas preciosas são estas monografias, quando escriptas com seriedade e honestidade.

E a «Defeza de Chaves» tinha obrigacão de ser um trabalho honesto e digno.

Que diabo! Um Tenente-Coronel commandante d'um corpo não é um bórrabótas qualquer, armado em escriba, que se sujeita ao tristissimo papel de, por um lado, incensar o gallo que está no poleiro, emquanto, por outro, vae vomitando sandices e insultos grosseiros e torpes sobre camaradas, que muito se honram de não pensar como elle pensa.

Depois, o Ministerio da Guerra que «approvava a publicacão», consoante na capa vem exarado, certamente era porque o trabalho revelava estudo, seriedade, imparcialidade, comedimento na linguagem, *linha* e consciencia das suas responsabilidades e da sua categoria por parte do auctor.

Ao defrontarem-se-me, pois, as *Considerações prévias*, não tinha a mais pequena sombra de duvida de que iria lêr um trabalho tecnico, *escripto por um official*, com lisura, sem espirito de partido, uma completa abstenção de commentarios politicos, na louvavel intencão emfim de fornecer aos historiadores futuros material sólido, sobre que podessem porventura assentar os seus juizos relativos á perturbada época, que vamos atravessando.

Mas abre-se o livro e tem-se uma desillusão...

Não porque o Tenente-Coronel *mint* muito. Aparte varias inexactidões de importancia relativamente secundaria; tirada aquella desculpavel mania (a carne é fraca...) de querer passar pelo Carnot flaviense, o potente *Organizador da victoria* das margens do Tamega; fóra aquelles esguichos de fel venenoso, diluidos systematicamente pelas oitenta e tantas paginas do folheto (e isso é lá entre elles...) — a «Defeza de Chaves» não *mente* muito, vamos indo com Deus...

E nem tal admira, porque, como todos sabem e até o proprio Tenente-Coronel do 19 o não ignora, não ha nada mais verdadeiro que a Verdade, que, conforme referiam os antigos, anda sempre, quer se queira, quer se não queira, ao de cima como o azeite.

Assim elle não se pôde furtar, bem mau

## Carta de Lisboa

A gente pergunta, admirada, a si mesmo porque subsiste uma cousa a quem acabam de quebrar as primeiras escoras e porque ainda está de pé um edificio cujos primeiros constructores acabam de soffrer a... morte civil. Porque não sabemos se os senhores já repararam que os ultimos acontecimentos trouxeram



grado seu, estamos certos — a reconhecer que a acção de 8 de Julho de 1912 foi um *rude combate* (pag. 32); que os *rebeldes demonstraram ousadia* (pag. 33); que, a certa altura, a acção esteve perdida para a defeza, n'um panico indescriptivel, que se adivinha, atravez de muitos adjectivos *atenuantes*.

Esquece-se é certo, quando se acoberta com a *nostra superioridade numerica* (a que adiante nos referiremos), de consultar os seus «Regulamento de Tactica» ou de *Campanha*, e d'ahi lèr, n'uma rapida vista d'olhos para refrescar a memoria, o capitulo referente á *Defensiva*, com todas as vantagens para quem conhece a *casa a palmas*, por lá viver desde *tamanino*, para quem por muito extenuado, que estivesse, não o estava certamente nem a vigesima parte do que iam aquelles, que tinham a juntar aos inconvenientes da *Offensiva*, operando em terreno descoberto (tambem vem isso nos compendios da Tactica...), leguas e leguas, atravez da serra, por duros trilhos.

O Tenente-Coronel Carvalho não mente pois muito...

E até, sem querer, (e fazemos esta declaração para o não malquistar com o governo da sua querida republica), até sem querer nos presta um grande serviço: fazer com que o leitor imparcial e consciencioso, nem monarchico nem republicano, reconheça o grande esforço, o grande e *inesperado* esforço, que teve de dispendir o atacante, durante oito infernaes horas d'um infernal dia de verão...

\*  
\*  
\*

Mas quando o Tenente-Coronel Carvalho se revela o que é, quando elle mostra a sacciedade o apurado cadinho, em que se temperou o seu caracter, quando emfim a mascara lhe cahe de vez, vem a ser, sempre que a nós se refere.

Imagine o meu amigo, que nos reserva inalteravelmente o epitheto graciosissimo de *Bando!*

Já é ser gentil, porque sabe magnificamente o *hoje vermelhissimo* individuo, que todo o insuito, por mais soez que elle seja, passando pela sua boca, transforma-se para nós n'um grande elogio, n'um inestimavel louvor.

Deus nos livre de sermos considerados homens de bem pelo Tenente-Coronel Carvalho. Seria evidente signal de que o não eramos na realidade... Deus nos livre!

Ora elle poderia deixar de se nos referir, quer directa, quer indirectamente, ou ainda poderia englobar-nos na lata e vaga designação de *inimigos, rebeldes, etc.*

Era digno. E, neste caso, eu estaria calado, vendo em silencio aquelle estendal de heroismos, que de resto, não nos ferem nem nos incommodam, nem... mesmo invejamos... Embora praticados *contra nós*, elles providiriam sempre de officiaes e soldados portuguezes, aos quaes não será *só por isso*, que lhe havemos de querer mal...

Mas o Tenente-Coronel Carvalho não pensa assim e ainda bem e, logo a paginas 12, nos define d'este modo:

«Bando de rebeldes mercenarios, sem disciplina, sem ideal e sem fé.»

E, quasi no fim do seu poema, accrescenta estas eloquentes palavras:

«... pela coragem e dedicação patriótica e republicana dos officiaes e das praças, oposta á ausencia de fé e de devoção civica de um bando de mercenarios, arrastados pelo interesse da paga á defeza de uma causa ha muito perdida.»

«Mercenarios sem ideal e sem fé, arrastados pelo interesse da paga...» vá o meu amigo notando...

Pela nossa parte, *por agora*, limitar-nos-hemos a ir apontando, cuidadosamente, no nosso *Carnet*, estas palavras — com a «*competente indicação do auctor*», para maior e futura gratidão. Ellas não seriam de admirar, quando lidas em qualquer papelucho lá da *grey*, mas espantam, quando as escreve quem veste uma farda de official e tem uns galões dourados no braço.

Espantam, embora não magoem, porque é bom que o Tenente-Coronel Carvalho saiba que os da Columna de Galliza tem tamanha consciencia do seu dever cumprido, da sua abnegação, do seu espirito de sacrificio, que não são as suas palavras, que lhes fazem moza. Póde crê-lo!

E póde crêr tambem que nenhum de nós — desde o glorioso soldado, que é Couceiro, ao mais humilde e obscuro dos tal *bando* — trocaria nunca nem a sua fé, nem o seu ideal, nem o seu caracter, nem o seu roto e desbotado fato de *bandoleiro*, pela fé, pelo ideal, pelo caracter, pelos galões dourados e pelas douradas dragonas de tão preclaro cavalheiro.

*Extranha* psicologia esta nossa, não é verdade?

Não a póde, na realidade, comprehender o Tenente-Coronel Carvalho, que ao dirigir, da muralha do quartel, o seu Zeiss, em 8 de Julho, sobre o caminho de Sanjurge, distingue a longa fila do *Bando*, que desce da serra sobre a Veiga e sobre Chaves. E que não tem, n'aquella grave hora da sua vida, a morder-lhe na consciencia o remorso de ir atirar sobre o estandarte, que o tal *Bando* traz desfaldado ao vento, o mesmo que n'outros tempos não muito longinquos elle jurou defender, *até com sacrificio da propria vida*, o mesmo que cobriria até á ultima morada — se uma aventura politica, para que elle não mettesse

nem prego nem estopa (pelo menos com risco e com coragem), não o houvesse substituido na haste da bandeira do seu regimento...

Que o tal Tenente-Coronel nos vá chamando *Bando de mercenarios sem fé...*

Como lhe aprouver, pois para nós é o mesmo.

Todavia, deixe-me o meu caro amigo, lembrar-lhe que o tal *Bando* tinha por uso proceder assim, como, em duas palavras, lhe vou narrar:

— Em Casares, a 7 d'outubro de 1911, Paiva Couceiro poderia ter aniquilado com duas ou tres descargas a cavallaria de Maia Magalhães. Só duas ou tres descargas nem mais! Pois não o quiz fazer por um d'aquelles escrupulos honrados de «não bater em quem fugia».

— Em Pinheiro Velho, a 8, Couceiro não só impede que seja maltratado um guarda-fiscal, que se havia defendido a tiro, como até lhe manda dar uns tantos reis para ajudar o tratamento da mulher que tinha doente.

— Em Soutelinho da Raia, a 7 de Julho de 1912, é capturado um fulanorio qualquer, accusado, pelos naturaes da terra, de ser carbonario. A sentinella não se contém, que não lhe diga duas palavras azedas. Pois é o capitão Luiz Ferreira, que, honra lhe seja, indignadissimo, reprehende a sentinella, a manda immediatamente substituir, dizendo: «Um prisioneiro é sagrado!»

Fallavam assim e assim procediam os do *Bando!*

No mais acceso do combate de Chaves, quando a nossa linha de combate atinge o espaldão da Carreira de tiro, Couceiro dá com os olhos n'um pobre soldadito do 19, ferido, que ao ouvir em volta de si *fallar portuguez*, tem esta phrase:

— Mas então os senhores são portuguezes?!

Vá o meu amigo vendo que processos de *propaganda*.

Pois Couceiro manda que dois homens icem uma bandeira branca e vão levar o pobre rapaz a Chaves. A ordem não tem completa execução, porque os que transportam o ferido a certa altura, já a caminho, são viva e insistentemente alvejados pelos defensores da villa, que na sua furia de despejar tiros não poupam, antes alvejam os feridos propositadamente, mesmo quando transportados á rectaguarda, para as ambulancias.

Compare agora o meu bom amigo o procedimento dos *bandoleiros*, com o d'aquelles que auctorisaram (e, quem sabe, se promoveram) as maiores affrontas aos feridos, aos prisioneiros e aos mortos, deixados no campo d'acção; d'aquelles que permitiram que os mortos fossem despojados, n'uma verdadeira *rapina*, até dos seus fatos; d'aquelles que não tiveram uma palavra de protesto e de humanidade para verberar os cannibaes, que chegaram á infamia de retalhar á navalhada ou cousa parecida, as caras dos que sobre terreno da lucta jaziam!

Mas se assim era preciso para dar maior *côr local* ás miseraveis photographias da *Illustração Portugueza*, com os seus *grupos macabros* dos pobres martyres anonymos da Causa, a que haviam dado a vida!

Aponte tudo isto, que é *rigorosamente exacto*, e diga-me depois de que lado estava, n'esse dia 8 de Julho, a verdadeira alma portugueza, generosa, clemente, cavalheiresca, se do lado dos taes 150 *salafrairos* a que o Tenente-Coronel Carvalho se refere encomiasticamente, (porque soldados portuguezes seriam incapazes de commetter taes infamias) — se do tal *Bando vil*, que levava hasteada a velha bandeira de Angra, das Antas, de Coolela de Chaimite, do Cuamato e dos Dembos!

Diga-m'o com franqueza!

\*  
\*  
\*

— *Mercenarios sem fé, sem disciplina e sem ideal!*

Extranhos *mercenarios*, que sem dinheiro quasi, privados durante longos mezes do mais rudimentar conforto, sem saber qual o dia d'amanhã, encontravam em si a força moral, bastante para correr, como se correm cães — á pedrada — os officiaes e sargentos espiões, vindos á Galliza em missões de propaganda.

Admiraveis *indisciplinados*, para os quaes — durante 8 mezes de acantonamento — não foram precisas as prescripções de um qualquer Regulamento Disciplinar, para manter a ordem e a disciplina.

*Miseraveis soldados sem fé e sem ideal*, que após rudes marchas quasi sem comer, soffrendo dez vezes mais d'aquelles mesmos soffrimentos, que o Tenente-Coronel Carvalho tanto enaltece nos seus subordinados — aos quaes, segundo a sua propria confissão, nunca faltou nem pão, nem bolacha, nem rancho, nem presunto, nem vinho, nem agua, ao passo que aos taes *miseraveis rebeldes* tudo faltava — encontravam forças para se aguentar durante horas e horas, em dia inteiro, n'uma offensiva vigorosa, empenhada até ao ultimo soldado da ultima reserva, contra um adversario occulto, bem entrenchelado, bem conhecedor do terreno!

E que tendo tudo contra si, desde a disposição topographica do sólo, ás condições climatericas do dia — um tórrido dia de Julho — chegaram, n'um *élan* admiravel, a levar uma vez de vencia, obrigando-os a uma retirada desordenada e cheia de panico (é o mesmo Tenente-Coronel, que ainda o confessa a pag.

40) aquelles proprios, por quem elles esperavam ser acolhidos, como irmãos, de braços abertos!

Extranhos *bandidos!*

Não! Os officiaes e praças da Columna de Galliza, hoje dispersos por todo esse mundo de Christo, podem e devem manter-se de «cara levantada e consciencia tranquilla!»

Não envergonharam nem a sua bandeira, nem o seu Rei, nem a grande alma de soldado, que os levava ao fogo!

Que essa vaidade lhes seja consentida!

\*  
\*  
\*

Quanto ao mais, é deixar fallar o tal Tenente-Coronel...

Superioridades numericas e superioridades d'armamento do nosso lado — quantas elle entender.

350 Mausers com a dotação individual e unica de 120 cartuchos. 2 peças ligeiras de montanha, e duas espingardas metralhadoras Madsen (que, por se terem damnificado durante a marcha, não fizeram um unico tiro).

E aqui tem o meu amigo com o que se combateu contra uma dyarrêa de 49:000 cartuchos, que bem tinham obrigação de nos matar lá a todos...

\*  
\*  
\*

Quanto á bandeira, porque nos batemos, essa entrou immaculada em Sindim, em 6 de Julho de 1912, nas mãos valentes de Manuel d'Azevedo Coutinho. Vencia sabiu, em 12, nas alturas da Gironda e do Monte do Grou, levada então por essa alma intrepida, que desconhece em absoluto a côr do medo e que se chama Rodrigo de Castro Pereira.

Vencia sim mas sempre e eternamente, para a maior honra da Patria portugueza, na haste a pumo das suas glorias inapagaveis!

Hoje guarda-a, quem tem todo o direito a te-la por companheira: aquelle que galhardamente e pundonorosamente a hasteou durante dois annos: Paiva Couceiro. Está em boas mãos!

Se alguma ficou no campo de Chaves, essa seria propriedade particular, encontrada no saque feito aos feridos ou arrancada, *para trophéu*, do corpo regelado de qualquer obscuro soldado, a quem, no grande somno, ella servia de consoladora e bendita mortalha!

Nunca a da Columna!

Tenente Saturnio Pires.

## O Retrato de

Sua Alteza Serenissima  
a Princesa Augusta Victoria  
d'Hohenzollern-Sigmaringen

que publicamos no numero anterior, esplendidamente reproduzido em bilhetes postaes, está já á venda.

Cada postal 50 reis

Descontos aos revendedores

Os nossos assignantes tem o desconto de 20% — franco de porte.

### PEDIDOS

No Porto — Administração de «O Correio»  
Rua Passos Manuel, 177-1.º

Em Lisboa — Agência de «O Correio»  
Largo de S. Paulo, 12-1.º

Tambem se encontrarão á venda em algumas tabacarias do Porto, Lisboa e Coimbra.

## PORTUGAL A MINGUAR

Muito pela rama, como sómente póde fazer-se em artigos curtos destinados a um jornal de pequeno formato, mostramos já n'estas columnas quanto na realidade Portugal progrediu durante os sessenta annos de relativo socego em que a monarchia constitucional foi dado exercer a sua obra constructiva. Entre outras provas numericas d'esse progresso citámos, como innegavel demonstração de bem-estar, o consideravel augmento manifestado pela população nacional, salientando que em 46 annos, de 1864 a 1910, esta cresceu de quasi dois milhões, á razão de 43 por cento.

Perante o que se está passando com o incremento da emigração portugueza, de ha dois annos e meio a esta parte,

ninguem contestará que o nosso argumento cõlha por completo a favor da monarchia e contra a republica, porque a verdade é que, desde que na Rotunda raiou a aurora da Democracia, Portugal se despovoa — e por uma maneira muito grave, como passamos a provar.

Diz-nos a estatistica official que em Janeiro findo a emigração registada attingiu o nivel elevadissimo de 10.485 pessoas. A continuar assim — e o que se passou em 1911 e em 1912 bem indica que outra cousa não devemos esperar — teremos no actual anno uma emigração minima de 126:000 individuos. Sabido como é, porém, que a emigração clandestina regula por 15 por cento da registada e fazendo entrar no calculo esse elemento de correcção, sobe-nos o total provavel para 1913 a 145:000, números redondos. Ora como o augmento medio da população portugueza (differença entre nascimentos e obitos) tem sido nos ultimos tempos de nns 57:000 individuos annualmente, somos levados a concluir, sem sombra de duvida, que a republica tem tido o effeito — que aliás continua a produzir — de tornar Portugal... menor do que era!

Menor, quando devia estar maior! Se os numeros que tem vindo publicados na imprensa de Lisboa são aproximados da verdade, como certamente são, em 1911 emigraram 80:000 pessoas, em 1912 mais de 120:000 e em 1913 partirão 145:000. Total em trez annos... de redempção... 345:000 individuos!

Portugal tem pois já hoje, maio de 1913, menos gente do que tinha em outubro de 1910. Portugal que em trez annos devia ter augmentado de 63:000 habitantes pelo menos, á razão minima de 21:000 almas por anno (que é o saldo do augmento medio deduzida a emigração normal anterior á jornada gloriosa) não só deixou de medrar como se despovoou de 174:000 dos seus antigos habitantes. Sommada a directa perda á paralyzação do natural ganho demographico, vê-se que o prejuizo sobe a perto de 240:000 creaturas! Nem uma campanha desastrosa, em que fosse chacinado todo o exercito do activo e da reserva desde os generaes aos clarins, nos poderia ter causado a perda de tanta gente...

Proclama o actual governo, pela bocca do respectivo chefe, professar a doutrina socialista. A sua comprehensão dos valores sociaes comporta pois, como verba unica do activo nacional, o equivalente monetario do par de braços. Pois bem. Já esse governo calculou quanto representa em capital o prejuizo soffrido pela nação produzido pelo incremento da emigração?

Ha pouco tempo um dos principaes estadistas canadianos, discursando em Londres, arbitrou em 350 libras esterlinas o valor medio de cada um dos emigrantes entrados n'aquelle dominio britanico no decurso do ultimo quinquennio. E' essa, portanto, a cotação mais recente do artigo humano não especializado. Adoptando tal criterio, tem Portugal soffrido um prejuizo de 415 mil contos de reis como consecuencia directa dos processos de enxotar que a republica tem exercido sobre a população nacional...

Um quarto de milhão de habitantes e perto de meio bilião de contos de reis em capital-braços, eis as verbas certas e indiscutíveis que a nação tem de lançar a debito do seu balanço ao cabo de um triennio de gerencia republicana. E isto só no que respeita á sua demographia, sem entrar em linha de apreciação com a enorme desvalorisação da propriedade rustica e urbana, com a baixa de todos os fundos, com o agravamento dos cambios, com o exodo dos capitaes moveis para o estrangeiro, com o augmento dos impostos, com o descalabro das finanças do Estado...

E ainda ha quem ponha em duvida que a republica é a ruina!

Eduardo Lupi.



## SEMANA MUNDANA

## Um pouco de tudo

**Esgrima - Grupo Arma e Sport** — N'um dos ultimos dias, á hora em que nos grandes centros os «Cercles» e Salas d'Armas regoritam de atradores, um amigo encontrou-nos na Praça, n'um inveterado habito portuense — aborrecido, encostado no passeio da «Cardosa».

Ha bastante tempo que nos não encontramos e estavam dispostos a aproveitar-nos d'esses momentos que o acaso proporcionava para trocarmos impressões sobre coisas passadas quando elle, puxando pelo relógio exclamou:

— 5 1/2, meu caro; são horas de ir até á sala d'armas. — Queres tu vir d'ahi?

Acedi ao seu convite e, a passo lento, subimos os Clérigos.

No predio que faz esquina para a rua do Correio, entramos.

Um tilintar continuo de espadas vozes, de commando exclamações de — *touche e á moi*, chegavam até nós, ao subir as escadas. Estávamos nas dependencias do Grupo Armas e Sport.

Entramos no salão d'esgrima. Trabalhava-se com animação extraordinaria. Seis atradores occupavam n'aquelle momento as pranchas, além d'outros que, em animada conversa, esperavam a vez de trabalhar.

Dez ou doze esgrimistas, em trages todos brancos, davam vida áquelle recinto, d'um tom artistico mas severo, onde sobressaia o aço polido e brilhante de numerosas espadas cuidadosamente dispostas em elegantes armeiros.

Emquanto o meu amigo se dirigia ao vestiario, uma elegante sala toda a branco e morango, com o seu *lavabo* á inglesa, e balneario anexo, entramos no gabinete da Direcção, onde um dos directores amavelmente nos recebeu.

Uma grande quantidade de livros da especialidade, antigos e modernos, além d'uma completa collecção de tratados de duello, mostram o grande carinho com que se tem procurado reunir as melhores obras dos grandes mestres.

Vigeant, Marignac, Grecco, Pini, Perise, Grisier, Dounet, Sony, Angelo, St. Didier, etc., eis alguns dos poucos nomes que a memoria nos reteve do exame que passamos a tão selecta collecção de livros.

Pelo que podemos observar e pelas informações que amavelmente nos foram fornecidas, facilmente concluímos que nunca no Porto se trabalhou tanto como agora na nobre arte das armas, e, por certo, a realisar-se o vasto programma de reuniões projectadas pela Direcção da Sala, facil é de prever que este bello exercicio se tornará um dos mais favoritos da nossa sociedade, pela sua arte e elegancia.

Na sala onde todos os dias das 5 ás 7 e meia da tarde se reúnem os nossos melhores atradores, vimos os senhores:

Luiz Brandão de Mello, Adolpho Correia, Humberto Mendes Correia, Tenente Luiz de Oliveira, Tenente J. Ramires, Raul Santos, Capitão Antonio de Sousa, Achilles Muaze, Candido Motta, Almeida Cunha, Cabral Borges (Arthur). Dr. Semião Pinto, Humberto d'Othozede, Nuno de Brito Cunha, Dr. José Maria Soares Vieira, David Ferreira (filho), Antonio Seixas, A. Gonçalves Basto, etc.

Penetrados pela gentileza como fomos recebidos, esperamos, em breve, poder assistir ás reuniões que a Direcção se empenha em effectuar, e só sentimos que as nossas occupações nos não permitam dedicar a tão bello e util exercicio.

## Chronica dos Theatros

## O ensaio musical das discipulas de Oscar da Silva

**Jardim Passos Manuel** — No magnifico salão de festas do Jardim de Passos Manuel reuniu-se n'uma das ultimas noites tudo quanto de distincto e apreciador de musica possui a nossa sociedade para ouvir, mais uma vez, esse extraordinario concerto que algumas discipulas do grande professor Oscar da Silva, realisaram sob o modesto nome de ensaio musical.

Tenho assistido a muitos concertos, onde teem tocado amadoras distinctissimas, mas, até hoje, nenhum ouvi que a este pudesse comparar-se.

Innegavelmente o concerto de sabbado, como o primeiro realiado ha dias com o mesmo programma, produziram uma sensação de assombro no nosso meio artistico, onde é reconhecida a gloria que Oscar da Silva conseguiu obter sem reclamo e apenas porque sabe insufflar nas suas discipulas o sopro divino da Arte que só um grande artista pôde transmittir.

Perdoe-me o bello espirito do modesto professor se ás vezes, sem querer, e apenas entusiasmado pelo assombro que as suas discipulas causaram com a sua apresentação

em publico, saio fóra da minha habitual correcção na critica que estou fazendo.

Incontestavelmente é preciso ter-se intuição de artista, para que se possa, tocando piano, exprimir — executando musicas conhecidas do Mestre — todo o sentimento e todo o poema symphonico que essas musicas encerram. Mas embora se possua esse talento em grau muito elevado, e elle viva a dentro d'um pianista, alli ficará eternamente se não tiver quem lhe saiba despertar e aperfeiçoar essa faculdade natural.

Devemos, pois, partir do principio de que, para este professor, não vão apenas discipulas de talento nato e impulsivo.

Para elle, como para todos os outros, vão nullidades, mediocridades e quiçá alguma notabilidade. Mas o seu modo de ensinar, que é prodigioso, como agora se viu, consegue fazer das mediocridades notabilidades, e das notabilidades phenomenos.

Até agora dizia-se que para penetrar no segredo supremo da arte de tocar piano, era preciso ir lá fóra ao estrangeiro, especialmente a Leipzig.

E todos os que tinham disposições para isso lá iam fóra, a beber no grande Conservatorio as lições de sapientissimos professores.

Pois bem; de muitos d'esses discipulos que foram ao estrangeiro aperfeiçoar-se na arte de interpretar Beethoven, Mozart, Saint-Saëns, Bach, Chopin, Lizt, Mendelssohn e outros, poucos ha que os saibam executar melhor do que as de Oscar da Silva, que no sabbado ouvi — como n'um sonho.

Como é precisa, conscienciosa e sabedora a maneira de tocar da snr.<sup>a</sup> D. Margarida Pereira.

Como é correcta e suave a execução da snr.<sup>a</sup> D. Carolina S.<sup>a</sup> Monteiro.

Como encanta a interpretação das musicas que tocam as snr.<sup>as</sup> D. Maria José S.<sup>a</sup> Monteiro, D. Maria Carolina de Andrade e D. Mercedes de Ascensão Saavedra.

Com que perfeição, ferindo as teclas, fazendo-as vibrar, dão intuição precisa ás obras dos grandes mestres.

Mesmo a menina Otilia Ramos Pinto, com que graça ella executou a sua Scene d'Enfant, op. 15, de Schumann.

Mas, quem me deslumbrou, quem me fascinou pelo modo como tocou «Chopin», Lizt e Oscar da Silva, foi a snr.<sup>a</sup> D. Ernestina Silva Monteiro.

Esta senhora tem um tal poder de execução que a harmonia que vem do piano arrebatava-nos deliciosamente, como se escutássemos um instrumento divino! Talvez me engane, talvez, mas alli está mais alguma coisa do que uma pianista: — está uma inspirada.

E' uma gloria apresentar discipulas assim. Tenho dito pouco para o que tanto merece, mas não sei dizer senão o que penso; e como me exprimo mal, talvez isto não agrade a todos; embora... é, no meu entender, a expressão da verdade.

Oscar da Silva tudo merece, modesto como sei que é, talvez não goste d'isto.

Se não gostar que perdê.

Mas quando se vêem marejados de lagrimas os olhos de um velho professor, como eu vi os de Thimoteo da Silveira — o primeiro professor de Oscar da Silva — ao sentir glorificado, n'uma onda de ovações, o seu discipulo querido, pelas honras que lhe dão os seus discipulos novos — o entusiasmo transborda, irrompendo em bravos e em palmas.

Por isso, e porque muito o estimo, aqui lhe deixo estas simples phrases não de incantamento mas de sincero e vivo applauso.

Alvaro.

## Jardim Passos Manuel

**Quartetto vocal de Paris.** — No elegante salão de festas do Jardim Passos Manuel, realisaram-se dois esplendidos concertos com um escolhido programma.

Os quatro distinctos artistas M.<sup>elle</sup> Bonnard, M.<sup>elle</sup> Chadeigue, Mrs. Paulet e Sigwalt, foram applaudidissimos.

O acompanhamento foi feito pelo distincto professor snr. Benjamin Gouveia.

## Annuncios

## V. de Lemos Peixoto

Com o curso de oto-rhino-laryngologia da Faculdade de Medicina de Paris.  
Ex-discipulo dos Drs. Castex, Lermoyez e Lombard.

Tratamento medico e cirurgia de todas as doenças do nariz, garganta e ouvidos. Applicações electricas.

Consulta da 1 ás 5 na rua Formosa, 295

## Laboratorios

44, R. José Falcão, 52 — TELEPHONE, 702  
Porto — Portugal.

## THERAPIA

Nucleo Pharmaceutico do Porto, Limitada

Empolas com liquidos injectaveis e anestheticos  
Algodões, gazes, sedas, cataguts, drenos, etc., esterilizados  
Leite, seus derivados (Kephyr, Babeurre, etc.)  
Soros therapeuticos.

## Secção d'analyses

Ferros cirurgicos  
Formolia e aparelhos para sua utilisação  
Seringas e agulhas  
Esterilisação de pensos, ferros e roupas para operações.  
Algodão iodado

Algodões e gazes medicinaes  
Nazol  
Bórcina  
Polvilho antiseptico  
Sabonetes medicinaes  
Dentifricios, etc.

Desconfiar das imitações.

Exigir sempre origem THERAPIA.

Lemos, Lencart & C.<sup>a</sup>

EMPRESA NACIONAL  
DE NAVEGAÇÃO

PARA A COSTA  
OCCIDENTAL D'AFRICA

## Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

## Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahía dos Tigres e Caboandel; para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empresa

RUA DO COMMERCIO, 85 — LISBOA

## Consultorio Homœopathico

— DO —

## Dr. Antonio de Carvalho

Medico da enfermaria homoeopathica do Hospital Geral da Misericórdia do Porto, com pratica nos hospitaes homoeopathicos de Paris, etc.

Doenças do coração e Clínica Geral.

Rua da Boa Hora, 7 (Residencia)

Das 12 ás 2 da tarde

## FLORES

Para modas, de laranjeira, ramos, corôas, preparos para flores, artigos religiosos.  
MAISON S. JOSEPHÉ  
Rua Augusta, 233

COMPANHIAS DE SEGUROS  
La Union y el Fenix Español  
de Madrid  
Union Maritime de Paris  
Mannheim de Manheim

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de ga., de machinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos postaes e transportes de qualquer natureza.

LIMA MAYER & C.<sup>a</sup>  
R. da Prata, 59-I.º — LISBOA

## AOS MONARCHICOS

Tenho em deposito grande variedade em papel de carta com facha azul e retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, lapis azul e branco, berloques para pulseiras, argolas para guardanapos com a linda bandeira azul e branca, botões para punhos, passe-partouts com retrato e bandeira, chatelaines, lindos distinctivos com bandeira e retrato, photographias em ponto grande com retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II e do Senhor D. João de Almeida.

Grande variedade em Postaes com os ultimos retratos de Suas Magestades a Senhora D. Amelia e o Senhor D. Manuel II, Sua Alteza o Principe D. Affonso e os snrs. Azevedo Coutinho, Ayres de Ornellas, Dr. Annibal Soares, Alvaro Chagas, Paiva Couceiro, Dr. José A. C. Branco e muitos outros artigos.

PREÇO COM GRANDE DESCONTO AOS REVENDEDORES

Todos estes artigos pagam os direitos alfandegarios com ordens superiores; por essa razão não podem ser apprehendidos, pois são objectos de meu commercio.

PEDIDOS A

J. Monteiro Pereira

Rua do Loureiro, 72 — PORTO



## Magalhães & Moniz, L.<sup>da</sup> LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencia e letras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações.  
Correspondentes em todo o mundo.

CASA FUNDADA EM 1863

II, Largo dos Loyos, 14—PORTO

## ESTOFOS, MOVEIS E TAPETES

Deposito de capachos de côco e pita

## Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão

PORTO

## PHARMACIA DE 1.<sup>a</sup> CLASSE

DE

### LEMOS & FILHOS

Unicos preparadores do superior medicamento

### POSPIDOGLICINA

Succedaneo vantajoso do oleo de figados de bacalhau e das suas emulsões. . . Indicado contra as escrophulas, Rachitismo, Anemia, Neurasthenia, etc. . . Este medicamento é o unico ensaiado com seguro exito em todas as casas de beneficencia do Porto e aconselhado por professores da Escola Medica, directores de hospitaes, etc., etc.

MEDALHA DE PRATA

NA

Exposição do Rio de Janeiro

1908-1909

Marca registada em todos os paizes.

## ALBANO RAMOS PAES

3, RUA DO CORONEL PACHECO, 3

Telephone, 393 End. teleg. NOVIDADES

Tem a honra de participar ás suas Ex.<sup>mas</sup> Freguezas que já recebeu a maior parte do seu sortido para verão, escolhido pessoalmente nas primeiras casas de Paris.

Enxovaes para casamento — Execução perfeitissima

Ateliers de vestidos e roupa branca

## Confeitaria Oliveira

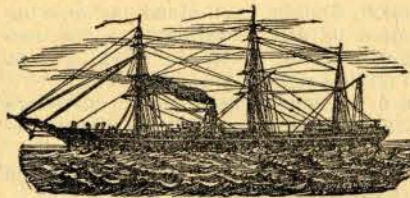
— DE —

José Miguel d'Oliveira & C.<sup>a</sup> Succ.<sup>es</sup>

Importadores directos das principaes casas de Paris, Londres, Berlin, Turin, e Suissa.

Fornecedores de lunches, almoços e jantares no Porto e Provincias:

Fabrico diario de confeitaria, pastelaria, pratos de cosinha, e doce, propios para presentes, etc.



COMPAGNIES  
DE NAVIGATION

### SUD-ATLANTIQUE

**Linha postal.** Para Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 6 de Maio o paquete *La Gascogne*.

A 20 de Maio o paquete *Burdigala*.

A 3 de Junho o paquete *Divona*.

**Linhas commerciaes.** Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 28 de Maio o paquete *Samara*.

Para Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 14 de Maio o paquete *Liger*.

Para Bordeus.

A 5 de Maio o paquete *Divona*.

A 14 de Maio o paquete *Samara*.

### K. H. Lloyd (Mala Real Holandesa)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.

A 8 de Junho o paquete *Hollandia*.

A 19 de Maio o paquete *Zeelandia*.

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos

A 8 de Maio o vapor *Amstelland*, (só recebe carga)

Recebendo passageiros de todas as classes.

Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.

A 11 de Junho o paquete *Frisia*.

A 21 de Maio o paquete *Hollandia*.—Recebendo passageiros de todas as classes

### Linha Cyp. Fabre & C.<sup>o</sup>

Para Providence e New-York, e mais cidades dos Estados Unidos da America do Norte com escala por S. Miguel, Terceira e Fayal.

A 21 de Maio o paquete *Germania*.

Recebendo passageiros de 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classes.

Para Marselha.

A 4 de Maio o paquete *Germania*.

A 17 de Maio o paquete *Roma*.

Recebendo passageiros de todas as classes.

Preço das passagens em 3.<sup>a</sup> classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc., quaranta e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 22-0-10.

Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

### OREY ANTUNES & C.<sup>o</sup>

NO PORTO

EM LISBOA

Largo de S. Domingos, 62-1.<sup>o</sup>

Praça Duque da Terceira, 4.

Tel. 415

## COMPANHIA DO GAZ DO PORTO

### Distribuição de Coke a domicilio

Por cada 15 kilos (uma arroba) . . . . . 200 reis  
Por cada 600 kilos (um carro). . . . . 8\$000 reis

Posto em casa do consumidor, dentro da area da cidade do Porto.

PESO GARANTIDO

SATISFAZEM-SE PROMPTAMENTE

todos os pedidos de Coke que lhe forem feitos ou por meio do correio, ou em requisição verbal nos seus escriptorios da Praça Carlos Alberto, 71, ou na fabrica, no Ouro.